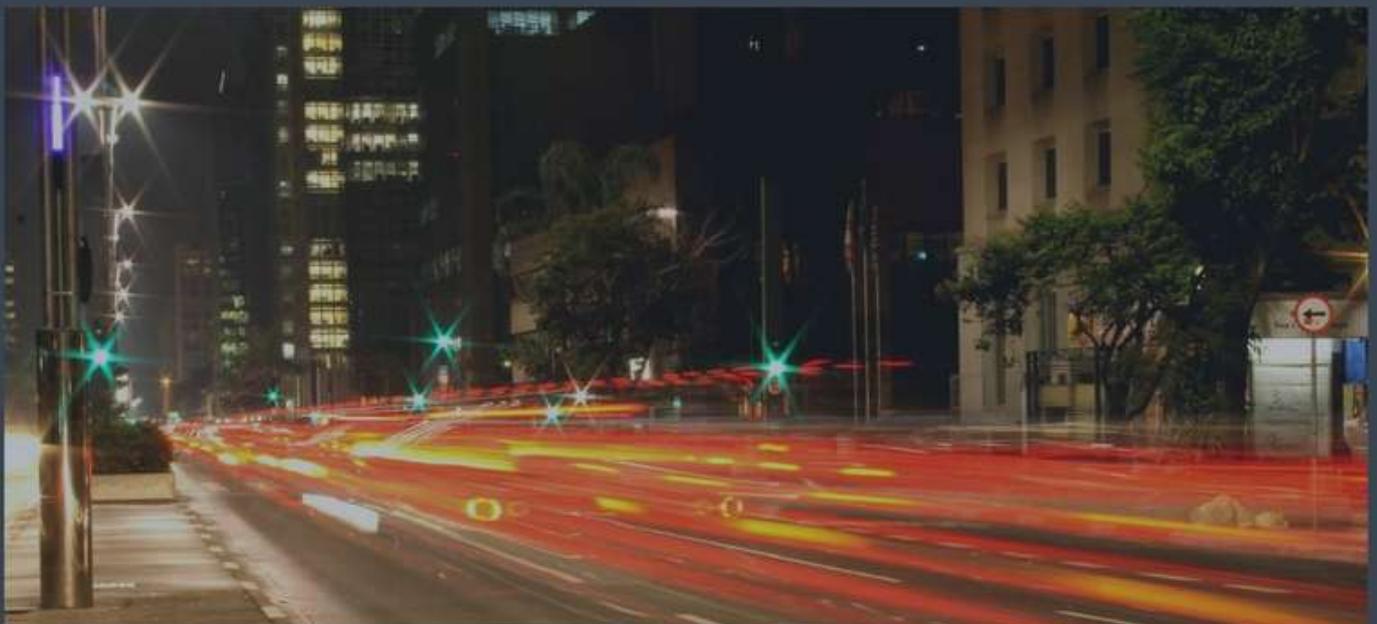


DAS VERDADES E MENTIRAS QUE SE QUER CONTAR

CONTOS



**DAS VERDADES E MENTIRAS QUE SE
QUER CONTAR**

ORGANIZAÇÃO:

KATIA CRISTINA SCHUHMAN ZILIO

EDIÇÃO:

STHEPHANYE DA SILVA AMORIM

Catálogo na Publicação: Flavio Henrique Martins Sartor – CRB14/1602

V229k Das verdades e mentiras que se quer contar [recurso eletrônico] / Katia Cristina Schuhmann Zilio (org). – 1. ed. Curitiba: Colégio Maria Imaculada, 2017.

87p.

ISBN 978-85-54893-00-2

1. Contos 2. Literatura juvenil I. Título

CDD-B869.93

Colégio Maria Imaculada

Direção:

Alvacir Merini

Coordenação Pedagógico Educacional:

Raquel Barbosa Rocha

Nadia Tescke

Coordenação de Pastoral:

Elaine Cristina Bastos Medeiros

Coordenação de Esportes e Informática:

Raquel Barbosa Rocha

Secretaria:

Mariza Aparecida Bortolini

Tesouraria:

Mariza de Godoy Gomes

Recepção:

Karoline Fontes

Mecanografia:

Bruna Bastos

Informática:

Sthephanye da Silva Amorim

Sumário

01. O ORFANATO SEM DEUS / 8
02. TRABALHO DE CADA DIA / 10
03. O DESAPARECIMENTO / 11
04. CAROLINA / 12
05. CONTATO SOBRENATURAL / 13
06. CONSEQUÊNCIAS DO AMOR /16
07. O AMOR É UM FATO VERÍDICO / 19
08. O ELEFANTE ASSASSINO? / 20
09. AMOR ESCONDIDO / 21
10. UM BEIJO DE QUINTA-FEIRA / 22
11. AVOZINHA E O LOBO / 24
12. UM PESADELO QUALQUER / 25
13. O AMOR PERDIDO / 27
14. A CULPA DA VERDADE / 28
15. O AMOR NO CAOS / 29
16. O MISTÉRIO DO ASSOLAMENTO CAPILAR / 30
17. AMOR ESCOLAR / 33
18. FÉRIAS, PARA QUEM ??? / 34
19. COTIDIANO / 36
20. WHAT THE F*** IS DRAWING / 38
21. MARCÃO, O PENOSO / 48
22. ENGANO FATAL / 49
23. COZINHEIRA DE MÃO CHEIA / 50
24. FÉRIAS DOS SONHOS / 52
25. UM OLHAR NO VAZIO / 55

- 26. O ARREPENDIMENTO / 58**
- 27. UMA NOITE MARCANTE / 59**
- 28. A GRANDE ARTE / 60**
- 29. SEU TONINHO / 62**
- 30. O HOMEM PECULIAR / 63**
- 31. O QUE FAZER POR AMOR ? / 64**
- 32. CONTROLE É... ILUSÃO / 65**
- 33. E AÍ, “VAMO FECHÁ”? / 73**
- 34. RODA-VIVA / 75**
- 35. COTIDIANO PERVERSO / 80**
- 36. AMOR E SACRIFÍCIO / 81**
- 37. PARA ONDE FORAM? / 83**
- 38. DECEPÇÕES AMOROSAS / 84**
- 39. NAS ALTURAS / 85**

APRESENTAÇÃO

Considero um tanto difícil exprimir o quanto me alegra encontrar pessoas tão jovens se interessando pela leitura, pela escrita e pela Arte, de maneira geral. Porém, certas situações em especial nos impulsionam à expressão – esta é uma delas.

Há alguns meses, convidada pela professora Katia Zilio para ministrar uma Oficina Literária na classe que produziu estes contos, fiquei positivamente surpresa com a atenção que os alunos dedicaram aos singelos ensinamentos desta diletante escritora; mas, sobretudo, me enterneceram os olhares incapazes de desmentir o embrião da Arte se formando através do interesse pela criação, pela imaginação, por uma forma mais humana de ação.

Para mim, a escrita é só isso: uma forma mais humana de ação... ou deveria dizer *tudo* isso? Por um lado ou pelo outro, a experiência de reproduzir aquilo que se dilata em nossa mente – por meio das emoções e das ponderações – é uma atitude que nos aproxima, de algum modo, do sublime. Como diria Aires, personagem de Machado de Assis, no livro “Memorial de Aires”: “Aqui me tenho outra vez com a pena na mão. Em verdade, dá certo gosto deitar ao papel coisas que querem sair da cabeça, por via da memória ou da reflexão”.

A memória me influencia bastante em relação a tudo o que escrevo. Não aquela memória em sentido estrito, cerebral e científico, mas a memória visceralmente atada às nostalgias e aos desassossegos que trago dentro. Talvez devesse me referir “às memórias”, então: no plural; embora precise confessar que normas gramaticais não sejam suma prioridade quando confrontadas com todos os sentimentos que estão envolvidos no simples – e a um só tempo tão complexo – ato de escrever.

Que me perdoem os positivistas, que me desculpem os gramáticos: mas a Ciência não é tudo, nem a exatidão linguística o é. Por isso, se torna perigoso convidar alguém que aprecia poesia para realizar qualquer trabalho mais objetivo – como a Apresentação de um livro, por exemplo. Uma vez que ele (ou ela) irá invocar os sentimentos sempre.

Assim, a reflexão – aquela referida por Machado de Assis por intermédio do conselheiro Aires –, também recebe lugar de destaque, tanto na interpretação de textos quanto na elaboração destes. Entretanto, se me perguntarem acerca da hierarquia, a resposta será que a emoção e as memórias valem mais do que a reflexão. Que a emoção e as memórias são a própria alma do escritor.

Fujo de rótulos e é sempre com alguma reserva que acolho o título de “cronista” ou o de “poeta”. Penso que todos aqueles que gostam de escrever não podem ser limitados por gêneros literários: são escritores e ponto. Deitam ao papel suas angústias, desesperos, alegrias, desalentos e êxtases: é só isso o que importa. Se o fazem mediante textos poéticos, humorísticos, dramáticos, curtos, longos... será que, de fato, a relevância dos sentimentos do escritor está nisto centrada? Sua dor é menor por escrever um poema, em vez de um romance? Sua perquirição social é maior se escrever crônicas em vez de ficção?

Bem, eu não sei. Lanço a dúvida, pois em questão de certezas um escritor é a pessoa menos indicada. Eu mesma, gosto de me aventurar pelas sensações, mas, acima de tudo, pelos sentimentos que o contraditório ato de escrever me desperta. Contraditório porque, por vezes ele me faz sangrar, em outras, me faz sorrir.

Sei bem que o amor pela Arte permeia cada um dos textos que compõem esta obra produzida pelos alunos. Por este motivo, apesar de as regras literárias nos impelirem a atribuir um gênero ao livro, peço que o leitor, assim como eu, também não se limite a rótulos; pois, antes de ser uma coleção de contos, este é um trabalho feito com excelsa dedicação, portanto, um livro de amor.

Natália Sartor de Moraes.

O ORFANATO SEM DEUS

Ana Clara Yoneda

As detetives, Aurélia e Kaitlyn, decidiram aceitar a investigação não só porque envolvia sua melhor amiga, Jade, que decidira se tornar freira, e um orfanato cheio de crianças carentes; mas porque elas suspeitavam do padre. Já há um ano recebiam ligações de um número desconhecido que insistia sobre o tal padre. Ele estaria utilizando métodos antigos para punir as crianças. Elas sentiam que havia algo, um segredo que o telefonema anônimo não lhes tinha contado.

Ao chegarem ao orfanato, as duas sorriram ao ver crianças correndo e pulando corda. Chegaram perto da porta e o lugar parecia ter sido inspirado em um filme de terror, havia trepadeiras subindo pelas paredes. Para as pessoas que andavam pela rua pensariam ser um ambiente mal cuidado, inadequado para crianças, mas, na verdade, dentro, em cada ambiente, percebia-se a limpeza e a organização do lugar.

Entrando aos poucos, viram que o padre estava desocupado e não havia sinal de Jade. Decidiram interrogá-lo, aproximaram-se e se apresentaram. O padre ficou lívido e a cada pergunta ele enrolava e se desvencilhava. Ao perguntarem sobre as crianças ou Jade, mudava de assunto. A suspeita deveria se confirmar, porém para aprofundar a investigação era necessário um mandato.

Com o mandato em mãos (rápido, não?) decidiram ver o local. Investigaram todos os cômodos e nada da Jade. Até decidirem ir atrás do orfanato, acharam algo que não podiam acreditar, um cemitério!



Imediatamente, as duas foram correndo para onde o padre estava. Ainda estava rezando pedindo perdão, provavelmente, pelos seus pecados. Novo interrogatório, e a revelação de que o cemitério era de crianças que haviam morrido de tuberculose.

As detetives apertaram o cerco, retrucaram a cada resposta, que havia vacina e o governo ofereceu mais de 4 vezes e na quinta vez, o prefeito obrigou a todos os funcionários e as crianças a tomarem a vacina. Até que:

“Não foi a tuberculose que as matou, foi você, padre.”

Ficou revoltado e gritou:

“Matei as crianças e Jade. Crianças teimosas, não havia como lidar com elas... E aquela Jade... Intrumetida. Metia o nariz em tudo. Levou o que merecia: dois tiros na cabeça...”

Aurélia e Kaitlyn ficaram aliviadas ao ver o padre sendo preso e que, por enquanto, não o veriam, somente em seu julgamento.

Durante o julgamento... Foi um tanto estranho, pois quando o advogado de defesa tentava defender o padre, ele interrompia e confessava. As pessoas começavam a sussurar e a perguntar o que acontecera com padre de antes, como ele parecia arrependido, um santo entre as pessoas.

O padre, no final das contas, foi setenciado pelo crime de homicídio culposo. As detetives ficaram aliviadas, e solicitaram ao juiz para fazer exames psicológicos no padre. Kaitlyn susurrou para Aurélia, que riu ao ouvir:

“Moral da história: Até pessoas boas podem mudar.”

Jade não estaria mais com elas rindo sobre a vida e sobre ser freira, mas estaria sempre junto delas no coração. O orfanato? As crianças foram abençoadas com Ana Clara, uma mulher disposta a educar com amor...

TRABALHO DE CADA DIA

Flaviane Kimie Katsurayama

Era todo dia, Marisa tinha que sair de madrugada com seu Jaguar (velho e enferrujado) para buscar a filha na Casa de Mulheres, em horários em que a maioria das meninas de sua idade encontrava-se dormindo.

Na Casa de Mulheres, Mel trabalhava duro, para no final do mês receber um salário que sustentasse a ela e sua mãe, já que Marisa não trabalhava.

A mãe parou de buscar a filha todos os dias, pois as duas se mudaram para a Casa de Mulheres, cuidando da parte de limpeza do local como Mel fazia antes sozinha.



O DESAPARECIMENTO

Cristian Klein

Augusto tinha um lápis favorito, que sua tia havia trazido da Guatemala de cor vermelha de um extrato retirado de uma árvore rara, que só existia lá, chamada Amendrotela. Ele sempre levava o lápis para o colégio, quase nunca usava, pois gostava era de ver aquele vermelho vivo brilhar em seu estojo de escola.



Quando retornou do lanche, em um dia comum, seu lápis não estava ali, começou a procurar, perguntar para seus amigos e ninguém havia visto. Então, ele informou ao professor que o aconselhou que fosse falar com o diretor.

Chegando lá bateu na porta e entrou. O gato kawhi do diretor deitado ao lado da porta como de costume. A sala do diretor era rodeada de fotos dele com seu gato, que ele amava muito e era criado como rei.

Augusto começou a contar o que havia acontecido, e logo vê o lápis em cima do sofá do diretor, ficando assim muito furioso achando que o diretor havia roubado. O diretor negou e disse que iriam achar quem havia tramado isso, combinando com Augusto que, quem fez aquilo, seria expulso.

Após passar perguntando em todas as salas sobre o fato e ninguém se pronunciar eles voltaram à sala, sentam-se à mesa do diretor, kawhi vem e senta no colo de seu dono. Augusto, por acaso, vê uma mancha vermelha perto da boca do gato que era a mesma tinta única que havia em seu lápis, fazendo assim com que se fosse descoberto o ladrão que havia pegado o lápis e deixado na sala de seu dono como presente causando toda essa confusão.

Realmente gatos tem o costume de dar presentes ao dono.

Augusto, imediatamente, solicita que o gato seja expulso como era o combinado, porém o diretor olha para o gato, o gato olha para ele... O felino, com uma cara de arrependimento, faz o diretor ignorar alternativa de punir o gato, o diretor fala que tinha uma exceção do combinado, a punição era válida apenas para alunos, como kawhi não se encaixava nisso, ele estava isento da punição.

Porém Augusto por ter a audácia de acusar o diretor era ele quem seria expulso. Ele fica muito triste e pensa que era melhor investigar antes de acusar alguém, ou apenas ter ficado quieto. Quando ele sai da sala, o gato olha para o diretor, dá uma piscadinha com o olho direito o diretor responde da mesma forma e, depois disso, o dia seguiu normal.

CAROLINA

Maria Luísa Gobbi Longhi

Fato é que não se sabe explicar o tempo durante o pôr e o nascer do sol, se é dia ou se é noite. Abriu-se mais uma vez a cortina em trapos do quartinho branco, a cama, que era branca, também foi arrumada sistematicamente e logo seguiu-se por um corredor branco, sentando-se em uma mesa branca para tomar o seu café, em sua xícara branca.

O marasmo do decorrer da manhã passa, assim como o longo tempo de trabalho no escritório, vendo as pessoas com roupas coloridas, agitadas e vivas atravessando a faixa da sinaleira da Rua São Alquino Guimarães. Nunca lhe é permitido levantar da cadeira e passa o resto de suas horas contemplando a pequena samambaia que ganhou do ex-amor, no penúltimo aniversário.



As horas passam, o dia passa, a semana passa e, depois o mês, mais rápido ainda. Carolina continua levantando todos os dias às 05h45min da manhã, tomando em goles apressados o mesmo café Melitta.

Carolina ganha promoções, aumentos e honras por copiar e colar números e letras que já foram vistos ou escritos por milhares de pessoas, pois todas as palavras já foram ditas. Nada é novo ou excitante.

A casa foi decorada com tintas de inúmeras cores, as paredes presas por papel de seda já não ouvem mais, a cada mesinha de centro, uma planta de plástico e todo o ambiente é uma cópia ao vivo da revista Casa&Cor, assim como os lares de muitos.

Ela passa dias e noites em conflito interno sem nunca resmungar ou mostrar desobediência, pois é isso que devemos fazer se quisermos ser bem sucedidos, dizia sua mãe, que almejava pelo sucesso financeiro da única filha.

Carolina engole emoções, mastiga vontades e digere lentamente sonhos desenvolvidos na flor da idade.

Carolina não explodiu no sentido literal nem figurado da palavra, ela não soltou um suspiro sequer. A instabilidade, a busca por algo que a fizesse ficar viva já havia sumido há muito tempo junto com qualquer resquício da antiga humanidade. Carolina não bebe mais café, a partir de agora, se alimenta de pequenas histórias contadas por amigos e conhecidos tentando dar cor a sua alma que também está se tornando branca.

CONTATO SOBRENATURAL

Ana Clara Yoneda

Crescendo órfã em uma comunidade católica não era tão legal. Órfã? Não como vocês pensam, Alexia foi colocada aos cuidados de seu tio, um padre. E, para piorar, esse tio parecia ter algo contra ela, então, colocou-a em um orfanato para crianças abandonadas. Conheceu Maia e Brenda. Ao passar do tempo, tornaram-se melhores amigas.

O orfanato onde as três moravam, antes era uma igreja que decidiram reformar, já que havia inúmeras crianças órfãs vivendo nas ruas. Por isso, o orfanato possuía até uma sala para orações.



Ultimamente, Maia estava agindo estranho. E quando Alexia não estava por perto, Maia ameaçava Brenda. Maia era uma seguidora intensa de Salomão (mentor de uma seita perigosa), queria se tornar uma pessoa rica.



Alexia estava estranhando o comportamento de Maia, estava pensativa sobre os últimos acontecimentos: olhares esquisitos, muita tensão entre as amigas e um clima um tanto pesado.

Mas poderia ser só impressão, não é mesmo?

Caminhava para a sala de orações onde a freira esquecera a água benta. Ao chegar perto da porta, ela ouviu as vozes de Maia e Brenda. E finalmente ela descobriu o que elas falavam pelas suas costas. Bem, Maia havia ficado louca de vez. Queria ficar rica com ajuda de demônios.

Minha amiga mais “querida”, não acredite nessas besteiras. Os demônios devoram nossas almas e as torturam. Porém, Alexia não havia percebido que estava a falar em voz alta e nem que já estava dentro do local. Brenda estava sorrindo maliciosamente, enquanto Maia estava irritada ao perceber a intrusa, que, ainda por cima, zombava dela! Maia, de repente, teve uma ideia horripilante, pegou a adaga escondida e colocou-a na frente de seu pescoço, podia ouvir Alexia e Brenda gritar “Pare ! Pare!”. Ignorando os pedidos, esfaqueou-se com todas as forças que possuía, o sangue escorria até o desenho do rito, que começou a brilhar.

Ora todas as meninas conheciam a lenda desse lugar... Sangue invocava o demônio... Imediatamente, Alexia soube o que estava acontecendo e jogou a água benta, que sobrara da missa da tarde. O rito parou quase de imediato de brilhar.

Suspiraram aliviadas e olharam para o corpo de sua falecida amiga. Tinham que esconder. E rápido.

Elas ouvem o sino da última missa de domingo, pegam o corpo da falecida amiga e levam embora, para fora do orfanato. Limpam tudo... Não foi fácil...

Mas as meninas não sabiam que o ritual havia sido cumprido...

As portas se abriram. O padre Antônio, tio de Alexia, já estava lá, olhou em volta e estreitou os olhos. A força negativa ainda estava no ar e isso o incomodava. Apesar de não gostar muito de sua sobrinha e afilhada, sabia que devia protegê-la, porque foi isso que seu irmão havia que lhe pedido antes de morrer.

Já percebera que algo estava errado... Teria que avisar a madre superiora que um demônio havia escapado de sua gaiola e eles teriam que proteger ainda mais as inocentes crianças, que ali viviam. Ouviu a voz do bispo Rafael chamando, era hora da missa.

Mais tarde naquele dia, as crianças já estavam indo para suas respectivas camas, porém Alexia e Brenda estavam sem sono, nervosas com tudo que havia acontecido e decidiram ir visitar a capela. A capela era decorada com caveiras mexicanas, na verdade toda decorada inspirada no México. Alexia simplesmente adorava aquele lugar. Não sabia o porquê, havia uma aura aconchegante.



Iam devagar, era necessário atravessar um jardim e, devagar se depararam com o Padre Antônio e a Irmã Andrea que estavam rezando. Isso parecia estranho e era, pois havia uma névoa obscura sobre suas cabeças que parecia estar zangada, afinal estava se debatendo.

As meninas ficaram ali, olhando, já era quase de madrugada. E as meninas? Dormiam. A névoa já havia ido embora, e agora o padre e a irmã estavam a se levantar. O padre parecia agradecer a irmã e estava indo embora. Enquanto, a irmã ficou para trás.



Já era hora do café. As meninas, ao ouvirem isso, acordaram e foram correndo para não perder o delicioso café. Mas, elas nunca iriam se esquecer do que passara ali.

Mas e a morte, a adaga, o sangue? Tudo fruto da imaginação dessas meninas que queriam emoções fortes para quebrar a monotonia do orfanato.

CONSEQUÊNCIAS DO AMOR

Maria Vitória Kadowaki Xavier

Eu nunca havia reparado, mas Ellionora é uma garota realmente muito bonita, e desde pequena, ela é interessada em mim. Sempre pensei em deixar rolar e ver onde tudo isso vai dar.

Acordei de meus pensamentos, e esse meu "e ver onde tudo isso vai dar", acabou em namoro, noivado, e amanhã o tão esperado casamento. Isso aconteceu tão rápido... Mas começou de forma inesperada.

Eu senti falta de minha ex-namorada, Lana, no começo, mas a forma que ela terminou tudo, com um simples recado dito a meus pais. Eu nem entendia o motivo e sofri. Depois me fez seguir em frente com Ellionora.

Fiquei sentado mais alguns minutos pensando em tudo que vivi nesses últimos meses. Logo fui dormir. E acordei preparado para o meu casamento, pelo menos eu espero que sim.

A igreja estava quase lotada, eu esperava Ellionora chegar. Então, a música começou a tocar, as portas se abriram e lá estava ela, vestida de branco vindo ao meu encontro.

Logo após as falas do padre, só faltava mais uma coisa para estarmos realmente casados, que era a parte: "Se alguém tiver alguma coisa contra esse casamento, fale agora ou cale-se para sempre" essa frase é típica de novelas e parece inspirar protestos. Geralmente quem fala, nessas ocasiões é alguém que entra de repente na igreja...

Mas para o meu espanto, Ellionora começou a falar:

- Eu achava que era certo o que estava fazendo, mas preciso te impedir de cometer um grande erro em sua vida.

- Ellionora, não faça isso. Imploro a você.

Mas as a única coisa que ela faz é me olhar com pena e continuar falando.

- Não, não vou te deixar fazer isso Mark, já estou de saco cheio de tudo.

É a voz de minha mãe que ouço logo depois:

- Ellionora converse sobre isso depois.

E assim que minha mãe fala, percebo que tem algo acontecendo.

- O que está havendo aqui?

-Você deve ficar com Lana, deve lutar por ela.

-Como assim? Depois que ela me deixou não recebi mais nada, nem mesmo uma explicação e, agora, no nosso casamento, você vem me falar isso? Ela desistiu de lutar por mim muito tempo atrás, ela não estava comigo quando eu precisei, mas você estava Ellionora.

- Ela nunca te deixou ou parou de lutar por você, ela sempre te mandou cartas, emails.

Lágrimas escorrem por minha face e pela de Ellionora também. Eu não acreditava que isso estava acontecendo.

- Você precisa acreditar em mim, - disse soluçando minha noiva, ou ex-noiva... Já não sei.

- Para com isso, eu já superei a Lana.

- Ela te mandava cartas todos os dias desde então, mas ontem ela disse que seria a última, sei disso porque tenho todas comigo.

Eu vi todas as pessoas que estavam em minha cerimônia de casamento arregalarem os olhos com toda a confusão. Todos, exceto meus pais.

- Apesar disso tudo eu te amo, sempre amei, eu queria fazer a nossa relação funcionar tão desesperadamente.

Abri minha boca para protestar, mas ela não ligou.

- Eu estou querendo dizer que fiz tudo, ao meu alcance, para manter vocês separados. Eu queria você e seus pais nos queriam juntos. Pensei que, talvez ,eu poderia fazer você ver o quão bom nós seríamos juntos, mas agora vejo que foi um erro.

Então, Ellionora começou a contar tudo desde o começo, desde o dia em que Lana terminou comigo:

-Eu estava sentada no sofá da sala, a campainha toca, eram os teus pais Mark, eles vieram pedir ajuda para fazer você e sua namorada Lana se separarem. E como sempre gostei muito de você, aceitei.

Então fomos ao encontro de Lana. Os pais de Mark falaram a ela que vocês não poderiam mais continuar juntos, pois o relacionamento deles fazia muito mal a você, e que eu estava me envolvendo contigo. Lana ficou surpresa e, após termos terminado de falar com ela, seus pais me deram algumas instruções. Lembro bem o que sua mãe falou:

- Como conhecemos nosso filho sabemos que ele ficará muito mal e irá se apoiar em quem estiver mais próximo, e esse alguém deverá ser você, Ellionora. Lana irá mandar cartas impeça que ele as receba.

Assim que ela havia terminado de me contar tudo o que aconteceu, senti como uma parte de mim tivesse sido arrancada.

- Você mentiu para mim? Você e meus pais.

- Me desculpe, você e Lana merecem ser felizes.

Foi só ela me falar isso que eu me dirigi para a saída da igreja, entrei em meu carro, e dirigi até a casa de Lana, o que eu deveria ter feito há muito tempo. Chegando lá toquei a campainha, e nada de Lana atender, então as pessoas que eu menos esperava ver, apareceram.

- Deixe isso para a gente filho.

Eram policiais... Polícia aqui?

- Deixar isso para vocês? Como posso fazer isso sem pensar esse inferno todo que vivi até agora?

Tentei chamar por ela, ligar, mas nada, não havia nenhum sinal de Lana. Coloquei minha mão na maçaneta da porta e para minha surpresa a porta estava aberta. Chamei por ela por toda a parte, mas nenhum sinal, vou para seu quarto e encontro a porta do banheiro trancada, dava para ver que a luz estava acesa, e havia água no chão.

Comecei a chamar novamente, mas não obtive resposta, então resolvi entrar no banheiro.

Soluços escaparam de minha boca, pois assim que adentro no banheiro, ao lado da banheira havia um frasco de comprimidos, dentro, nadando na água vermelha, se encontra a pessoa que mais me amou.

Nunca me mexi tão rápido em toda a minha vida como fiz agora. Com as mãos trêmulas, visão embaçada e um sentimento ruim, eu a coloco para fora da banheira, minhas mãos correm por suas bochechas levemente enquanto eu grito para que ela acorde.

- LANA! ACORDE!

Grito desesperadamente para ela balançando-a na vontade de fazê-la abrir seus lindos olhos castanhos, repito as palavras várias vezes em meio a soluços. Minhas lágrimas escorrem em minha face e caem em seu rosto pálido e molhado, misturam-se com a água. Continuo gritando para que ela volte para mim quando meus pais entram e me puxam para longe de seu corpo já sem vida.

Minhas lágrimas não param ou diminuem enquanto olho examinarem Lana, a minha Lana, e a única coisa que começo a me perguntar...

Por que não descobri a verdade a tempo?

O AMOR É UM FATO VERÍDICO

Greice Kelen Rodrigues de Liz

Era uma manhã de primavera, Carollyna que era formada em Direito, vai a sua primeira entrevista de emprego. Durante o trajeto que percorria para chegar ao local da entrevista, seus pensamentos reviviam, como se um filme, lembrava o primeiro dia de aula na universidade, seus professores e suas amigas que agora moram fora do país. Com seu excelente currículo, a jovem de vinte e três anos é admitida na advocacia de sua cidade.

Em seu primeiro dia de trabalho, ela conhece seus novos colegas e faz amizade principalmente com Caio, um rapaz dedicado e muito bonito, tinha cabelos ruivos e olhos azuis, trabalhava ao lado de Carollyna. Conforme o tempo foi passando, a moça começa a gostar de Caio, porém o amor não era recíproco.

Em uma festa oferecida pela empresa, Caio leva seu amigo Rodrigo para conhecer sua nova amiga, Carollyna. Na festa, Carollyna conversava com Manuella, moça de olhos negros que deixaram Caio e Rodrigo apaixonados. A conversa rolava solta, todos se encantaram por Manuella, principalmente Rodrigo.

Manuella e Rodrigo trocam olhares e parecem hipnotizados um pelo outro... Caio fica chateado, parecia que ninguém gostava dele... Carollyna também se entristece, a vida é mesmo muito difícil...

A festa terminou para ambos: Carollyna e Caio. Ele vai para casa a pé. Ela decide declarar-se, afinal, o que teria a perder? Ele não parecia interessado em nada a não ser nos olhos de Manuella que já pertenciam a Rodrigo.

A chuva que caía seria um cenário de tristeza?

Carollyna chama por Caio, corre para alcançá-lo e tropeça... Cai, chora e mal vê a mão que a ampara... Caio ajuda-a a se levantar, a chuva cai e os dois se beijam.

O ELEFANTE ASSASSINO?

Frederico Faedo Fontana

Um circo instalou-se em uma pequena cidade nordestina: Tilambucu. Havia boatos de que a cidade era mal assombrada e que, com todos os visitantes, quando estavam em Tilambucu, aconteciam coisas estranhas.

O circo arma a lona e prepara o espetáculo...

Na primeira apresentação, na noite de estreia do circo, as acrobacias com cavalos, a dança com os macacos foram muito aplaudidas. A atração principal, um elefante, era o momento mais esperado. Tudo estava correndo bem, até que o elefante começou a se debater e cada vez mais agindo estranho.

A apresentação com animais em picadeiro já devia estar proibida, mas esse circo ainda não havia retirado os bichos do espetáculo.

O elefante, grande atração, disparou em direção à plateia. Quando chegou em frente da plateia ficou indo de um lado para o outro, parecia querer dizer alguma coisa. Havia marcas de maus tratos por todo o corpo e isso despertou frustração por todos na plateia.

Um policial ambientalista pediu reforço e prendeu o dono do circo.

Todos os animais estavam com traços de maus tratos...

O dono do circo quando foi a julgamento, ouviu a sentença, não aguentou e cometeu suicídio.

Tilambucu era mesmo uma cidade estranha, tudo acontecia por ali...

Homens e bichos: quem é escravo de quem?



AMOR ESCONDIDO

Bruna Andrade Camacho



Nem mesmo o tempo ajuda, um sábado frio como todos os outros dias desse longo inverno. Em uma pequena casa vive Joana, uma linda jovem que encanta a todos e passa todos os dias cuidando de Amélia, sua mãe.

Sozinhas vivem, desde que seu pai as deixou para fugir com uma mulher mais jovem, quando Joana tinha apenas sete anos. Sem deixar nenhuma notícia e, muito menos, uma ajuda financeira, Amélia precisou se virar sozinha para criar sua filha. Com o tempo Joana foi crescendo e assim começou a ajudar sua mãe em seu trabalho, mas o dinheiro ainda era pouco, principalmente agora, com Amélia doente.

Sem alternativa, Joana não viu outro meio a não ser procurar Antônio, um dos homens mais ricos da cidade, para pedir ajuda. Ele não resiste ao charme da bela moça e aceita ajudar, porém ela deve se casar com ele. Ela aceita, pois era realmente necessário. Joana precisava de muito dinheiro para o tratamento da mãe, para pagar dívidas, enfim, para que o curso da vida seguisse. O acordo fora feito.

Olhando pela janela ela vê um carro, dele desce Antônio com uma mala de dinheiro na mão, realmente cheia. Joana abre a porta e ele entra rápido, Joana não queria que ninguém o visse. Quando chega perto da cama percebe que Amélia chama pedindo para chegar mais perto. Antônio, ao se abaixar, é surpreendido: o lençol ganha cor, um vermelho intenso: sangue.

Antônio cai no chão sem vida. Tudo não passou de um golpe, a doença nunca existiu, a única verdade é que agora todo o dinheiro pertence a elas. As duas fogem para o mais longe possível antes que alguém desconfie de algo.

Antônio não foi o primeiro, nem o segundo e muito menos o último. Esse lugar está muito bem reservado para o homem que fez tudo começar, seu pai.



UM BEIJO DE QUINTA-FEIRA

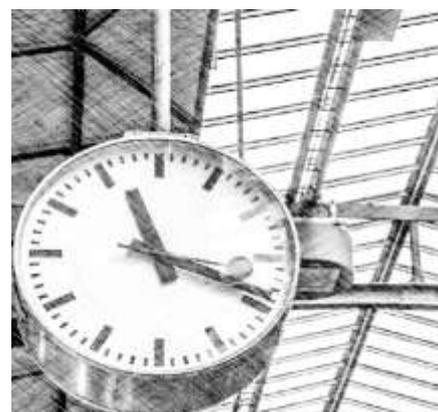
Flaviane Kimie Katurayama



Eram dez horas de uma manhã calma e aconchegante de quinta-feira, Rebeca, ansiosa, esperava o namorado na estação de trem, ele chegaria no trem das dez e quinze. A moça morena e alta usava um terninho branco com um salto simples, sua roupa parecia querer contar algo importante, que estava prestes a ocorrer. Seu batom vermelho como sangue, transmitia a paixão que pulsava em seu coração. Do seu lado direito estava Anna, amiga de longa data, podendo ser chamada de âncora, ponto de foco ou suporte, pois estava na presente situação ajudando Rebeca a controlar seu nervosismo.

Quando o trem para, ela vê seu amado, e correndo em sua direção, abraça e o acaricia com uma saudade que despontava no peito, suas mãos transmitiam uma energia que parecia iluminar e engrandecer o local, seus gestos de afeto, há três meses adormecidos, desde sua partida por razões profissionais, são um prolongamento do amor do coração.

Seu amado consigo estava. Miguel, dos olhos azuis e cabelos loiros, mal conseguia respirar, e não entendera a razão de Rebeca ainda amá-lo e, muito menos, estar esperando, já que em sua última partida deixou claro que não cultivava sentimentos de amor em relação à moça, terminando sua relação para seu bem, mas a ela nunca desejando mal.



Estava quase sendo sufocado por um abraço, mas Rebeca não ligava, a saudade era tanta que não podia conter, e enquanto sua alma brilhava como uma estrela, a de Miguel parecia com uma garrafa quebrada, perdida e sem propósito.

No momento em que o soltou, respirou buscando coragem, seu terninho poderoso ia entrar em ação, ela buscava por Anna, mas a amiga já não estava mais por perto, estava junto àquela grande multidão, onde todos pareciam estar misturados e aglomerados como um novelo de lã, depois de olhar seu amado nos olhos viu que tudo que estava prestes a fazer valia a pena, valia cada esforço dado e cada lágrima derramada, então o fez, ajoelhou-se, na frente de Miguel, fazendo uma declaração de seus sentimentos, contou-lhe quanta falta sentiu, quantas noites chorou por sua ausência. Ainda falou que a presença dele iluminava o dia em que ela acordava, e que tinha o poder de deixá-la como uma estrela cadente de tão radiante. E agora, que ele



estava junto dela, não podia deixá-lo partir novamente. Ela, então, propôs-lhe casamento.

Chocado, Miguel não compartilhava do mesmo sentimento que Rebeca, pelo fato que seu relacionamento acabara há muito tempo, suas viagens destruíram suas conversas cotidianas. Ele, parado, observa-a, mas não muda de ideia, e pensa mil maneiras para dizer não, e não machucar os sentimentos de Rebeca; pois, a ela, não queria o mal. Depois de tanto pensar, sua mente parece recitar uma só palavra pronta para ser dita, e, por um segundo de descuido, lança pelo ar a palavra mais insensível, negando sua proposta, abalando Rebeca.

Desolada e sem rumo, Rebeca não entende a decisão, e questiona o porquê de tal resposta, ele simplesmente a ignora, por não saber o que dizer, e por receio que sua mente trapaceie e aja sem o auxílio do coração.

Vendo que angustiada estava, Anna, amiga de Rebeca surge entre o casal e toma uma ação. Beijando Rebeca, a moça choca a todos, inclusive Miguel, as duas, que já haviam se relacionado agradavelmente no passado, saem da estação de trem, juntas, acompanhadas do aplauso de todos ao seu redor, como se esse fosse o combustível de suas pernas, deixando para trás Miguel, agora um passado.

AVOZINHA E O LOBO

Gustavo Rosa Primon

Era uma tarde fria daquelas que podemos entender que estamos no inverno de fato, eu estava indo para a casa de minha avó, que morava no meio de um bosque.

Andava devagar, observando o caminho que já conhecia há muito tempo. Nada mudava por ali... Vovó morava afastada da cidade, mas não era longe, era só... um lugar isolado.

Meu avô havia falecido, deixando para vovó a casa onde ela mora hoje: simples, aconchegante e muito arrumadinha. Enfim, casa com jeito de vó.

Por isso, quando cheguei e me deparei com uma decoração muito diferente da habitual, fiquei surpreso... Estavam penduradas, nas paredes do quarto, várias bandeiras e camisas de times de futebol. Que é isso? Minha vó nem gostava de futebol...

Não entendi o porquê disso, então perguntei para ela que nem teve tempo de responder o que tinha acontecido em sua decoração, pois um lobo entrou na casa.

Isso era brincadeira? Ficamos surpresos! Mas a surpresa maior ainda estava por vir: ele se apresentou como o noivo de minha avó. E beijaram-se...



UM PESADELO QUALQUER

Gabriel Martins

Na calada da noite, uma sombra se esquivava por entre os arbustos espinhentos e os carvalhos que não perecem ao tempo. Uma estranha luz iluminava um homem de casaco cor-de-musgo, calças jeans, botas de trilha e um relógio pelo qual ele podia



testemunhar o feitiço do tempo. A câmera em suas mãos tinha uma inscrição com o nome "Stan R.", e através de sua lente, via-se um hospício abandonado, uma ótima matéria jornalística, aliás, como o rapaz pensou, ao adentrar o local.

Uma janela aberta convidava a entrar, não tardou a pulá-la e averiguar o cenário macabro e tenebroso, totalmente desconhecido e não cartografado na sua memória. Mas havia certas reminiscências em sua mente que lhe traíam os instintos.



A passos curtos e pesados, movia-se petulantemente na escuridão, medroso de ficar incorrido naquele esquecimento, e do esquecimento querer ficar incorrido nele.

As tábuas de madeira rangiam penosamente, as janelas deixavam passar alguns feixes de luz vindos da Lua, enfatizando os móveis velhos e gastos, sendo difundidos pela sala pelas poças de água, onde gotas causavam barulhos harmoniosos e ritmados.

A beleza das ruínas atenuava-se com seu espírito, sim, havia vida morta naquele local, e isso não o impedia de continuar. Foi então que surgira uma aparição, presa a correntes, pelos pulsos, trajada de trapos brancos malcuidados e de uma face irreconhecível. Conforme ia se aproximando, ululava mais e mais alto, paralisando de temor, o infeliz jornalista.

Entretanto, já próxima, a assombração, tomou iniciativa e colocou-se a correr, sem rumo e em meio às trevas. Percorreu vários cômodos da residência, e foi encontrando outras assombrações e espíritos, aumentando ainda mais o clima de terror.



De repente, enormes garras e presas surgiram do chão, arranhando e rasgando a carne do jornalista, deixando uma poça de sangue. Os fantasmas se aproximavam dele, e, quando aquele acorrentado se aproximou de seu rosto, foi subindo com a cabeça, revelando pouco a pouco abominações perturbadoras.

Até que... O despertador tocou.

O AMOR PERDIDO

Gabriel Sonda Krebs

Eu nunca parei de buscar, mesmo em meio a dias de neblina, nos quais eu não poderia vê-la, eu continuei buscando e, mesmo quando não tinha mais forças para caminhar, para retirar os obstáculos, eu não me importei em seguir em frente pois saberia que iria te encontrar.

Havia dias que o calor era infernal, via fogo em pedaços de isopor pela rua, foram tantos dias que me perguntava se ainda iria te encontrar, ou ficaria sem ninguém que me guiasse, mesmo estando ao final da vida. Creio que não encontraria um guia tão bom quanto você, você ilumina meu caminho não importa a escuridão.

A confiança que tínhamos era incrível, nunca ouvi história de tanta confiança nem com casais ou com soldados esquecidos sozinhos na guerra.

Agora não utilizo chinelos em meio a espinhos, não dormirei na chuva e não andarei no escuro... Tudo isso graças a você, minha lanterna.

Nunca me deixará na mão, tenho pilhas para nosso acampamento amanhã, inclusive.

Agora terei você para seguirmos bem. Luz e paz, existência tranquila...

A CULPA DA VERDADE

Bruna Andrade Camacho

E todos já sabem, a pobre Maria virou o assunto na pequena cidade, pobre Maria? Dó, ninguém tem de quem engravidou aos 15 anos. Ninguém sabe o porquê, nem quem é o pai, alguns falam que nem Maria sabe ou que ele é casado e não vai assumir.

A verdade é que em sua mente tudo virou um borrão, talvez uma proteção para não lembrar.

Foi numa noite quente, quando Maria voltava para casa, que tudo aconteceu, medo ela sempre teve de andar sozinha, mas nunca lhe havia acontecido nada. A palavra estupro não sai de sua mente, da sua lembrança e do seu coração.

De tanto a julgarem, já culpa a si mesma, mas não aguenta mais a pressão. É difícil olhar para os pais e perceber a decepção deles. É difícil andar na rua e encarar os risinhos e olhares. Se ela contou? Não teve coragem. Viu quase nada... Desmaiou... Acordou dolorida... Teve vergonha.

Só havia o silêncio quando sua mãe acordou, não havia sangue nem nada, só o armário dos remédios aberto e um anjo caído no chão. Pobre Maria? Dó ninguém tem da menina que se matou por estar grávida. Todos falam: não assume seus próprios erros e alguns até riem de sua morte, mas no fundo todos sabem que tem um pouco de culpa.



O AMOR NO CAOS

Cristian Klein

Chovia,

O neto foi visitar seus avós,

José toma café, come as guloseimas de sua avó que eram feitas com muito amor e cuidado, e esse era exatamente um ponto que chamava atenção do neto na casa de seus avós, aquele amor presente na casa, principalmente, entre eles, pois José conseguia ver isso no olhar dos dois, o que lhe chamava muita atenção.

José vai se sentar na sala como seu avô para baterem um papo, aproveita e pergunta como ele conheceu a sua avó e como, após 58 anos de casados, conseguiam manter o amor vivo entre eles.

Então o avô começa a contar que, em 1940, ele foi representar o exército brasileiro na guerra, uma das poucas tropas brasileiras que foram enviadas para Alemanha. Lá conheceu sua avó, o grande amor de sua vida. O avô conta que em uma investida do Brasil em um vilarejo que estava dominado por militares alemães houve uma grande batalha, com troca de tiros, e ele entra em uma casa para se proteger e salvar as pessoas que havia lá dentro e vê uma mulher abaixada no canto da casa. O olhar daquela mulher fez ele imediatamente se apaixonar e desejar que aquilo acabasse e ela estivesse segura. Ele a retira de lá com cuidado e a leva para fora da zona de perigo na área de refugiados.

Dias depois, o exército retorna ao Brasil e aquela mulher de apenas 17 anos que também havia se apaixonado pelo seu herói, retorna junto com ele, deixando para trás apenas uma irmã a qual voltaram a ver anos depois.

Ela se torna brasileira, eles constroem família e vivem muito felizes, no Brasil, até os dias de hoje. Os tempos de guerra foram tempos difíceis, mas trouxeram também o amor.



O MISTÉRIO DO ASSOLAMENTO CAPILAR

Igor Stedile Roberge

Faz duas semanas que tudo havia começado, parecia uma epidemia causada por um único ser humano dentro de uma pequena cidade. Ele havia assombrado a vizinhança das vítimas que fazia, deixando os corpos expostos em frente às casas. Eram assassinatos misteriosos, pois todas as vítimas eram mulheres que tinham suas cabeças raspadas, porém não completamente, como se o assassino quisesse deixar uma identificação.

A polícia tem trabalhado arduamente desde que o assassino começou a agir e fez dezesseis vítimas, mas não levantaram nenhuma suspeita. Um aspirante a cientista forense, Jack, que tinha muito entusiasmo com a profissão, era filho de um pai policial morto em ação. Ele tinha como sonho entrar nesse ramo para impedir que outras famílias



tivessem perdas como a dele e viu, esse caso, uma enorme oportunidade para exercer o trabalho e fazer seu nome. Decidiu tentar investigar e prender o assassino antes que ele fizesse mais uma vítima.

Em um prazo curto, temendo a morte de mais uma pessoa inocente, um investigador profissional conseguiu obter uma informação importante: as vítimas tinham o cabelo liso em todos os casos, pois já se sabia como o assassino escolhia suas vítimas, mas como ele as selecionava, não. Era um mistério e essa descoberta era confidencial à força-tarefa.

O forense Jack percebeu algo nas fotos que tirava: um rosto feminino estava sempre presente na multidão curiosa. Ao notar isso começa a investigar essa mulher e não obtém sucesso. Deveria esperar outra morte para que a mulher aparecesse? É uma decisão difícil, mas era necessária.

E assim aconteceu, outra vítima com parte da cabeça raspada e a mulher estava lá, na multidão curiosa. Seguindo ela, o forense Jack descobre que ela é dona de uma loja de produtos de beleza aberta recentemente. A polícia não havia progredido em nada na investigação, por sorte, o cientista decide revelar suas descobertas para ajudar.

Agora trabalhando juntos, o cientista e a polícia escolhem uma atriz para ir comprar produtos para cabelos lisos nessa loja, e na suposta casa dela, estaria uma equipe da polícia pronta para impedir a assassina. A mulher aparece na frente da casa e toca a campainha como era esperado. Policiais saem de seus esconderijos, cercam-na e apontam armas fazendo ela se render.

A mulher é julgada culpada de imediato, porém os policiais se questionam o motivo dela escolher as vítimas por seu cabelo, e ela responde:

-Há poucos dias eu vivia em cativo. A pessoa que me manteve nele costumava arrancar meu cabelo.

-Então fez isso por que queria fazer outras pessoas sentirem sua dor? -questiona o investigador.

-Não, ela ainda quer cabelos lisos, mas não serão mais os meus.

-Quem?

-Minha mãe.



O interrogatório se estende e o investigador pede para que a criminosa leve-os ao lugar que sua mãe estava. Ao chegar lá, os policiais ficam chocados: outra mulher estava presa em uma cela.

Quando viu os policiais clama por socorro, e conta a verdade: mantinha a sua filha em cativo e arrancava seus cabelos quando cresciam, porque os invejava, e assim a garota passou a odiá-la e para atormentar a mãe com a própria ruína, trazia cabelos como o dela.

Quem afinal era a assassina? Os policiais abriram a cela e, rapidamente, a mulher pega uma faca que havia escondido e crava no peito da filha, sequencialmente, ela tenta atacar o policial mais próximo também, mas este saca sua arma e dispara contra a mulher.

O caso havia sido resolvido e, agora, com todos os envolvidos mortos, a cidade saiu do estado de alerta.

A turbulência do caso diminuiu e, de fato, não houve mais registros de assassinatos de natureza semelhante. Isso foi um acontecimento que chocou toda a equipe que participou da investigação e garantiu credibilidade ao novato em ciência forense, Jack, que seguiu carreira nesse campo devido a seu sucesso prematuro.

AMOR ESCOLAR

Gustavo Rosa Primon

Estava em aula, em plena segunda-feira, o 3º ano do ensino médio já estava me matando. Aquela segunda-feira era atípica para mim, pois eu estava muito cansado devido ao porre que eu tinha tomado com meus amigos no domingo.



A escola onde eu estudava era católica. Era tão católica, que a única pessoa que não era freira e trabalhava ali, era a diretora, que, aliás, só estava ocupando aquele cargo porque era afilhada de uma das freiras que fundaram o colégio. Essa nova diretora, por não ser freira, ser muito gostosa e, além disso, já havia sido aluna dali do colégio. Talvez, por isso também é que estava sofrendo muito preconceito.

A primeira aula da manhã tinha sido tranquila, pois tivemos Português e a professora era muito boa. Porém a segunda aula foi horrível, era matemática, que apesar da professora ser muito legal, eu não entendia nada. Para mim, grandezas proporcionais, Geometria Espacial, Aritmética, Funções e Estatísticas, eram a mesma coisa que eu tentar entender grego. Eu juro que eu até tentava prestar atenção, mas era impossível.

Eu não conseguia prestar atenção, tanto por não entender absolutamente nada da matéria, e também por eu estar totalmente esgotado fisicamente. Aquela sala branca e gélida, causava calafrios e uma ansiedade excessiva, que se justificava pelo o nervosismo que eu sentia, por não poder sair daquela sala e deitar-me em minha cama.

Eu não aguentei mais, comecei a arrumar minha mochila e estava determinado a sair da escola e ir para minha casa. A professora me viu colocando os materiais dentro da minha mochila e me questionou sobre isso. Eu fiquei estático, sem nenhuma reação, pensei um pouco e falei para professora que eu estava mal, e estava me arrumando para ir para casa. A professora falou que estava tudo bem então, mais eu deveria passar antes na sala da diretora, para ligar para meus responsáveis.

Até pensei em não passar antes na direção, e ir direto para casa, pois eu não queria que meus pais soubessem do porre da noite anterior e também por eu ficar sempre muito nervoso quando eu ia conversar com a diretora. Eu e ela tivemos um caso, ainda quando ela estudava no colégio, mas não existia a possibilidade de eu não passar na sala da diretora, uma vez que a direção era no mesmo corredor da minha sala.

Cheguei à sala da direção e tentei não demonstrar nenhum nervosismo, porém quando nos vimos, ficamos apreensivos, tentamos agir normalmente, porém isto era impossível. Acabamos não resistindo e quando eu entrei em sua sala para fazer a ligação e nos beijamos. Ela me questionou, se eu tinha melhorado e eu sem titubear, respondi positivamente então ficamos ali juntos, pelo restante da aula.

FÉRIAS, PARA QUEM ???

Pedro Pellizzaro Camargo

Quando amanhecia e o galo cantava era mais uma dia que estava por vir na fazenda de seu Pedro, localizada bem ao centro do estado do Mato Grosso, na cidade de Primavera do Leste, uma cidade pacata com um pouco mais de quarenta mil habitantes.

Pedro tinha seu próprio negócio na fazenda, lidava com plantações de cereais e com a criação de gado de corte, diferente de seu irmão que era advogado e sua irmã que era médica, e que já haviam se mudado para outras cidades. Lucas, seu irmão mais velho, morava em São Paulo e Jéssica, sua irmã, em Santa Catarina, na cidade de Balneário Camboriú.

Com apenas vinte e oito anos, Lucas, solteiro, liga para Pedro fazendo um convite para tirar uma semana de férias em alguma praia, para eles aproveitarem a sua juventude. Pedro aceita na hora seu convite e liga para sua irmã e para ver se ela não poderia ir também, pois tanto tempo longe de sua família... Ele já estava com saudades.



Pensou que essa viagem poderia se um reencontro deles, então, combinam em se encontrar na praia do Rio de Janeiro.

Ao chegarem eles se reencontram, foi aquele momento nostálgico, se abraçam, contam histórias, relembando várias lembranças de sua infância juntos, seus momentos de alegria, brigas, e tudo mais o que havia acontecido entre eles. Com todo aquele momento de emoção e o dia terminado eles decidem ir para o hotel para descansar, pois a viagem tinha sido muito longa para os irmãos.

Pedem um táxi com o destino para o hotel, ao entrar no carro, Pedro percebe que está sem seu celular e sua carteira e lembrou que havia deixado em cima da mesa do quiosque que eles estavam sentados e acaba voltando para pegar seus pertences e manda Lucas e Jessica para o hotel e depois eles se encontrariam de novo.

Ao chegar no hotel Pedro vê que eles não estavam ali e tenta ligar para os dois, mas não tem sucesso nas ligações os dois celulares estavam fora de área, com isso Pedro fica preocupado pois ele já deviam de estar no hotel há muito tempo.

Pela TV, observa o jornal local e fica apavorado com o que vê: a notícia é sobre o maníaco do táxi. Mais duas vítimas engrossavam as estatísticas: Lucas e Jéssica. Queridos irmãos mortos no maldito táxi que ele mandara para o hotel. A violência faz mais vítimas e o destino impõe a sobrevivência...

COTIDIANO

Guilherme Cezar Zanella

Caminhando continuamente a nadificação, com demasiado temor lhe impedindo de visualizar as periferias, Marcio segue, nem Heidegger nem Sartre, mas seu próprio caminho para morte. Ele deveria ser um projeto que se realiza a si mesmo, entretanto não o é, pois sua vida é conforme os moldes que lhe atribuíram e por ele foram aceitos.

Estando só e sem desculpas, esperar-se-ia que ele significasse seu passado concomitantemente a sua projeção para um futuro aberto, todavia não o fez, nem o faz. Não é capaz de autoconduzir-se, seu temor é demasiado, seu engajamento é nulo, pois se julga já determinado, homem de má-fé cuja máscara subjaz um rosto desfalecido de razão.

Triste angústia, céu do espírito coberto por cinzas nuvens cujo desespero precipita sobre franzinas figuras embebecidas nos mares de desamparo. Néscios homens inautênticos navegam com suas máscaras, amplas e ignóbeis, sem compreender que tão logo as primeiras ondas os atinjam, também será o fundo de suas embarcações, voltadas às estrelas, não para serem guiados, mas para que suas mortes sejam iluminadas como suas vidas jamais foram.

Numa dessas malfadadas naus, veleja Marcio, cujas dores o fizeram abdicar da liberdade, pois ela é demasiada cruel com seu filhos, corvos pessimistas que temem as possibilidades de tamanho otimismo existencial. Tão grande quando sua covardia, é a angústia que se acumula em si ao menor pensamento que envolva escolhas, que implicam perdas, trazem tristeza na vitória e derrota no topo do pódio.

Desde sempre, julgara sua vida determinada, ora por Deus ora pelas ações de outrem, nunca havendo caminho autotrilhado, porquanto nada, nada fez. Gostava de imaginar que as fórmulas eram a melhor maneira de viver, pois se come, bebe-se, copula-se, vive-se... Como qualquer um come, bebe, copula ou vive. Seus dias sempre começaram sem qualquer resquício da menor vivacidade, sempre pronto para ser guiado, mesmo sem uma Ariadne a qual lhe cedesse um qualquer fio condutor. Hoje uma veia lhe pulsava à têtora, provável dúvida das possibilidades da vida, mas que logo cessara conforme a lâmina movimentava-se por sobre uma reles fatia de pão, para espalhar a derradeira manteiga da embalagem.

O caminho que agora segue, conforme outrem já havia seguido, quiçá um Carlos ou João quaisquer, que o conduz até o serviço, em que sua vida parece delinear-se em estágio ético, pois nenhum gozo de lá ainda obterá. É uma pena que a chuva deixe poças, pois nelas pés desatentos tendem a ser envolvidos, provavelmente por vontade divina, que tanto se preocupa com a ocorrência de atos que tornam a natureza humana sólida.

A dádiva de um temperamento calmo mantém Marcio ermo de males e distante da irracionalidade, qual fora a influência de poderes exteriores que o fizera agredir a melancólica árvore friamente posicionada a poucos metros de uma poça d'água? Pés molhados, mão sangrenta e têtoras pulsantes nada combinam com seres resignados.

Eis sua chegada ao escritório, vasto de olhares frios e egocêntricos, em um local gélido e cinza... nada mais do que um ambiente normal de trabalho contemporâneo. No entanto, algo diferente lá se delineava. Olhos ardentes, esmeraldas raras que jamais seriam encontradas em nenhum outro universo, embebecidos de desejo fitando voluptuosamente Marcio, ovelha mansa almejada pelo lobo sedento. Erotismo à flor da pele, mais bela ninfeta que jamais outro setor de direitos humanos terá a oportunidade de empregar.

A todos os olhos estava isso claro, exceto para um par específico: os de Marcio, que só se aproximaram de Bárbara para tirar-lhe satisfação do porquê de haverem renovado os computadores de sua ala enquanto os da dele mantinham-se como outrora. Nada, além disso.

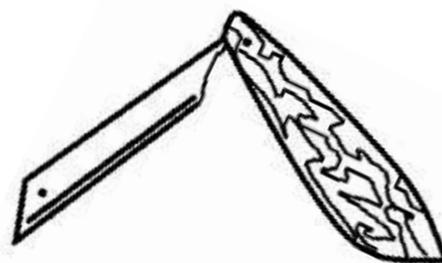
Finalizado o expediente pensara Marcio em festejar com os vermes necrófagos e com as sórdidas hienas das baladas locais, porém a promoção ganha, não por ele, mas por seu colega, enojara-o demasiadamente, tirando-lho o apetite, inclusive sexual, não lhe restando motivos para tal. Estaria o destino gozando dele? Primeiro tira-lhe a promoção, depois seu desejo por festas. O que mais lhe tiraria?

Chegando à sua minúscula kitnet não pode deixar de perceber as paredes enegrecidas de fumo e mofo, sua geladeira parecendo imitar sua alma, pois nada de bom lá havia e, se houvesse, já apodrecera há muito. Seguiu rumo a sua cama, pois o peso da angústia começava a lhe curvar e o trabalho fora demasiado cansativo. Estranhamente não chorara, tão logo se deitou, atividade que se tornara costumeira ao longo de anos, entretanto também não estava disposto a dormir.

Não lhe restando muito o que fazer, resolveu vasculhar seu quarto, cada gaveta, vértice, roupa e até mesmo janela foram vasculhados, sem nada de mais ser encontrado ou realocado, com exceção de algo em seu banheiro, que fora visto pela fresta deixada entre a porta e o batente, refletindo parte da gélida luz que dançava em sua superfície.

Observara o objeto com ânimo jamais antes expressado, pois deixara de ver apenas formas geométricas que se associavam em um conjunto harmônico e funcional, para compreender agora um significado, algo além de uma delimitação física. Seria agora algum deus? Capaz de dar sentido às próprias ações. Não, não era ele nada, entretanto isso não lhe atingia como outrora, a náusea agora era menor, quiçá uma nova vida, criativa e civilizada com a angústia.

Perguntara-se o que era a liberdade, a existência, o desamparo, a amizade... em suma, perguntou a si mesmo se ainda vivia. Chegara a duas conclusões: ser livre não é fazer não importa o que, mas ter poder para ultrapassar o dado para um futuro aberto, algo que nunca fizera anteriormente, e que, sua segunda conclusão, uma lâmina de barbear não serve apenas para se fazer a barba... Sangue e decepção banharam o chão.



WHAT THE F*** IS DRAWING

Julia Schlenker

Os quadros são aqueles que realmente dizem o que você é. Em um simples desenho ele mostra se você é estável ou louco, um simples risco já mostra o seu humor, podemos dizer que os desenhos são aqueles que mostram os desejos e pensamentos mais profundos, são eles que mostram ao mundo quem você é.

Engel nunca irá fazer um desenho sem que ela seja considerada louca ou psicologicamente perturbada. Muitos críticos falaram dela, elogiando a sua arte, mas a criticam pelo comportamento, dizem que ela é: Uma criança mimada que precisa ser disciplinada.

É claro que Engel nunca iria se importar com isso, a única coisa que importa é sua arte, o resto podia explodir ou até mesmo” ir pro inferno”, como ela sempre diz.

“Engel minha querida, você parece um cadáver”.

Em um quarto não muito grande fechado e mofado, com um forte odor de cigarro e tinta, no meio estava Engel sonhando acordada com sua loucura e com uma pessoa que mudou completamente o jeito dela ver o mundo.

- **Engel.**

Com uma pancada a porta se abre e Rutta em passos largos se aproxima de Engel.

- Eu deveria te matar.

Engel olhou pra Rutta e soltou algo parecido como: Ah?

Rutta pegou Engel pelo braço fazendo-a levantar.

- Ai... Mas o que deu em você?

- Ai uma ova, o que deu em você, você quase violentou a Susana.

Rutta mostrou uma revista com uma foto da Engel e Susana. Claro que era mentira, Engel não teria motivos, mas como sempre,, ela não se importava ela apenas tira do maço um cigarro e o acende, deixando no ar uma nuvem cinza.

- Quem?

- Ela era a sua última modelo.

- Ah!

- Ela te processou, você sabe a gravidade da situação atual que estamos... Nós estamos na maior merda.

Rutta massageou as têmporas, exibindo fortes rugas de cansaço mesmo tendo 30 anos.



- Isso acontece milhões e milhões de vezes... Engel, eu não sei mais o que fazer com você.

Rutta se sentou no sofá manchado e enfiou o rosto entre as mãos e soltou um longo suspiro.

Engel sempre era muito egoísta, ela não se importa muito menos por Rutta, mas pra deixar Rutta um pouco feliz ou pra deixar ele um pouco menos velho, ela tentou animá-lo.

- Eu vou dar um cheque a ela.

- Você não pode comprar as pessoas, elas têm sentimentos que precisam ser conquistados com delicadeza.

- Um jantar e um pedido de desculpas, então.

Rutta a olhou em dúvida.

- Você iria fazer isso, sem ser arrogante e nem egoísta?

Engel tirou o cigarro da boca, coloca-o no cinzeiro e solta a fumaça.

- Sim, por minha arte eu faço.

Engel se virou e foi em direção à porta até ser parada por Rutta.

- Engel você não vai assim você está cheia de tinta, e eu acho que tem um rato morando no seu cabelo.

Rutta a segurou e a enfiou no banheiro e trancou a porta.

- Hey o que você está fazendo, abra a porta.

Engel bateu na porta, mas Rutta a ignorou, girando a chave na mão.

- Engel vai ter repórteres, e se eles virem seu estado assim, pode se esquecer de continuar com sua profissão de artista.

Sem dizer mais nada ela tirou a roupa o jogou num canto e ligou o chuveiro e começou a tirar toda a tinta que escorria pelo corpo e ia devagar ao ralo, poderia ser mentira, mas só de sentir a água no corpo, parecia que todo o peso ia embora com a tinta.

Quando ela terminou, Rutta abriu a porta e a deixou sair. Ela secou o cabelo e vestiu uma calça cinza que terminava um pouco abaixo do joelho e uma camisa preta de manga comprida.

- Engel você já está pronta?

Rutta entrou no quarto e sorriu.

- Sério, eu acho que a última vez que eu te vi tão arrumada foi 9 anos atrás, quando você fez 18 anos.



Rutta riu, mas Engel não deu importância enquanto tirava um sapato de salto alto e o calçou. Engel se olhou no espelho e se sentiu tão enjoada com sua roupa que até Rutta percebeu.

- Você sabe que não precisa usar salto alto.

Rutta foi até o armário e tirou um tênis baixo branco e um colar longo prata com uma pedra que colocou. Olhou no espelho e se sentiu muito melhor sem o salto.

- Vai colocar uma maquiagem?

Engel o encarou e o rosto dela já dizia tudo. Engel estava meio incomodada, fazia muito tempo em que ela não ia à faculdade e ir pra esse maldito estúdio que podia ter explodido ou até mesmo “ir pro inferno”, já era um inferno. Enquanto desciam as escadas Rutta ligou ao seu assistente para contatar os repórteres e manter a Susana a qualquer custo no estúdio, quando Engel entrou no carro de Rutta seu humor ficou ainda mais negro.

- Precisamos mesmo dos repórteres?

- Eles vão querer uma declaração e saber mesmo se viraram melhores amigas, nos temos que ganhar a confiança dos seus fãs de novo.

“Melhores Amigas”

Só de pensar nisso já dava enjoo, então só de pensar nessas meninas que ficam marcando encontros só pra dizer que ninguém as ama, que não tem amigos e que ninguém conversa com elas, enquanto ganham conselhos e apoio e que, na verdade, a metade são sempre mentiras.

- Então como seriam essas mentiras?

Engel o olhou.

- O quê?

- Você estava pensando em voz alta, é a primeira vez que eu vi você fazer isso, mas quais seriam essas mentiras.

- Muitas pessoas falam coisas para te animar, mas a maioria só fala da boca pra fora e na verdade querem que você se “foda” completamente na sua vida.

Rutta não falou nada, mas confirmou.

- E de onde sabe disso?

- Eu tinha uma vida antes dos 18 anos.

Rutta não falou e não confirmou nada, se Engel passou por isso, era uma coisa do passado dela e Rutta sabia que não tinha muito direito de perguntar.

- Estamos quase chegando e vai ter os repórteres e os universitários, então espera até eu sair do carro e abrir a porta



para você, aja naturalmente.

Quando chegaram foi como Rutta disse, tinha os repórteres e os universitários, quando Rutta estacionou o carro, todos vieram correndo com câmeras ou gravadores de voz, trancando-os no carro.

- Preparada?

Engel confirmou e saiu antes de Rutta, mas não foi nem uma surpresa, Engel nunca iria escutar.

- Engel Muniz é verdade que violentou a modelo Susana Xavier?

- Engel Muniz olha pra cá.

- E verdade que pretende desistir da sua carreira?

Os repórteres vieram cada vez com mais perguntas e flashes, enquanto Rutta parava e respondia algumas perguntas.

- Engel, quando estivermos lá dentro nem um repórter poderá nos seguir, mas eles irão fazer qualquer coisa pra poder entrar e você sabe o que fazer.



Engel confirmou, ela precisaria enrolar, parecer amigável de um jeito natural e outras coisas. Quanto mais eles chegavam à entrada mais perguntas eles faziam e, quando entraram, os repórteres foram segurados pelos guardas enquanto Engel continuava a andar em linha reta sem uma vez olhar pra trás. Quando chegaram à entrada do estúdio, Engel abriu a porta e quando entrou sentiu o forte cheiro de tinta e memórias antigas vierem a

mente: dolorosas e alegres, isso estava sendo demais a ela.

A cada passo ela procurava a pessoa que fez tanto estrago e lá estava ela, Susana e seu belíssimo corpo de dama da noite e seus olhos cinzas que lembram as estrelas. Maldita vaca, ela pensou. Engel se aproximou e a cada passo os universitários abriam caminho e quando faltavam poucos metros para Susana... Um rasgo de papel, Engel parou e olhou a sua esquerda, tinha um rapaz rasgando o seu quadro recém-pintado com uma faca, Engel continuava a olhá-lo, até que o rapaz percebeu que estava sendo observado e retribuiu o olhar.

- Engel o que foi?

Engel se assustou com o toque de Rutta e respondeu com um forte e seco: - Nada.

Quando ela olhou para o quadro rasgado de novo, ele não estava mais lá. Engel se concentrou de novo no seu objetivo.

- Susana...



- Waaaaaa me desculpa, foi tudo um jogo e quando você retribuiu eu fiquei apavorada...

Engel e Rutta pararam na frente dela enquanto ela se afogava em lágrimas.

- Você poderia explicar.

Enquanto Susana explicava a brincadeira idiota de mentes pequenas, Engel estava apreciando uma bebida bem forte. Quando Susana terminou de explicar Engel olhou pra Rutta e falou no ouvido:

- As pessoas têm sentimentos que precisam ser conquistados com delicadeza.

Engel piscou e Rutta bufou, então se virou pra Susana.

- Você sabe a gravidade que você causou, Engel quase se ferrou e se você explicar isso pra imprensa, você pode esquecer a sua carreira de modelo, pintora ou sei lá o que mais e Engel será a única que iria sair de vítima aqui.

Ela começou a chorar de novo e Engel não aguentou mais e se levantou.

- Susana, eu vou te perdoar se você parar de chorar e chamar esses seus amigos idiotas que fizeram essa brincadeira idiota.

Susana confirmou e foi correndo até um grupo de universitários e menos de um minuto eles se levantaram e foram em passos rápidos em direção a Engel

- Rod, Lili, Lola, Victor e Anael.

Susana os apresentou. Os seis estavam na frente de Engel com as cabeças abaixados.

- Era pra ser apenas uma brincadeira.

- Uma brincadeira que quase custou minha carreira.

Os seis não responderam.

- Susana, você vai falar com os repórteres dizendo que tudo foi um erro enorme e blá blá blá. E vocês cinco nunca mais irão fazer ou falar sobre isso de novo.

Eles confirmaram e Susana fez o que foi mandado, acompanhado por Rutta e foi em direção aos repórteres, enquanto os outros foram dispensados por Engel que acendia um cigarro pra se acalmar.

- Sra. Muniz.

Ela se virou e viu uma alvorada de repórteres e Rutta fazendo um sinal pra ela correr.

- Merda.

Ela deixou o cigarro cair e saiu correndo enquanto era seguida por flashes e perguntas ridículas. Engel entrava em qualquer sala para poder ganhar mais tempo. Ela pegou o celular e ligou pra Rutta.



- Mas que merda aconteceu?

- *Eles conseguiram passar pelos guardas antes de chegarmos lá...*

Ela desligou e se escondeu atrás de um armário velho quando ouviu a porta se abrir.

- Tem certeza que a viu entrar aqui?

“Mas que droga, parece que eu estou me escondendo de terroristas, que filhos da mãe”.

- Senhores essa é uma área restrita, terão que sair.

- Como é? Você sabe que Engel Muniz pode estar escondida aqui?

Ouve um silêncio, ninguém falava, ninguém se mexia. Nada.

- Se Engel Muniz entrou aqui, ela também terá que sair e posso concluir que ela não entrou aqui, então, por favor, podem sair ou terei que chamar os seguranças.

Os dois repórteres começaram a resmungar enquanto iam pra fora, e quando os dois saíram fechando a porta, Engel sai do esconderijo e deu de cara com o rapaz do quadro rasgado.

- “O merda”, pensou.

Os dois só ficaram ali se encarando por alguns segundos. Engel podia pensar em qualquer palavrão nesses poucos segundos, o rapaz a encarava satisfeito sem demonstrar.

- Foi muita piedade sua não acabar com a carreira de Susana.

O rapaz mostrou um sorriso cínico e olhos de loucura que tinham desejos que não podiam ser saciados.

- Como você soube dessa história.

- Foi fácil, ninguém resiste a um pouco de carne.

Engel ficou pasma, ele vendeu o próprio corpo para obter uma repostagem, ela ficou enjoada ele parecia um louco, um maníaco, mas para sua surpresa ele começou a rir.

- Você deveria ter visto sua cara, acha mesmo que eu iria me vender, eu escutei a conversa desse grupo idiota quando Susana descobriu que você a havia escolhido, os idiotas não sabem falar baixo.

Ele continua a rir, mas Engel sabia que tinha algo de errado.

- Engel Muniz, eu me chamo Lon e eu tenho um simples pedido: quero ser seu modelo ou melhor fazer você virar minha modelo.

Ele pegou a mão de Engel e a beijou com olhos que brilhavam mais do que as estrelas.

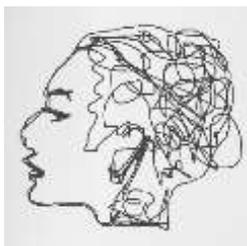
- Você foi dominado pela loucura.

- A loucura não me tomou eu que tomei a loucura, ela não tem limites e por isso sou considerado um gênio em minha arte.

Lon começou a andar ao redor de Engel e quando ficou atrás dela, ele sussurrou no ouvido dela.

- Olhe ao redor.

Na frente dela estava o quadro rasgado e nos lados havia outros, alguns com traços fortes em várias cores e formas e outros com traços fracos regulares em cores fortes. Cada quadro tinha um técnica nenhum parecia igual, nem uma marca igual que



mostrasse de quem seriam os quadros.

- Os quadros são diferentes, mas são seus.

Lon continuou a sussurrar e gentilmente a tocou nos ombros.

- Sim, são todos meus, você deve ser muito boa para perceber isso.

Engel não queria responder e nem sabia como responder, ela só ficou lá olhando os quadros e Lon satisfeito a observava.

- Então por quê?

- Por que não, eu só te quero.

Lon estava eufórico, sua respiração estava quente e seu coração batia com entusiasmo, ele precisava de uma resposta.

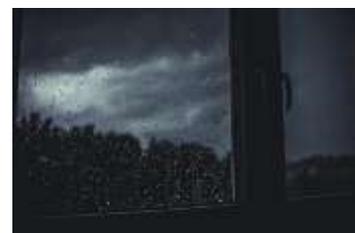
- Por favor, diga sim, não me deixe nessa agonia eterna.

Lon pegou a mão dela e a beijou, mãos cheias de calos por causa de lápis e pincéis e Lon a considerou bela.

- Não.

Um estouro e um apagão se estenderam pelo prédio e quando as luzes de emergência ligaram, Lon se via sozinho na sala.

- O que aconteceu?



Ele olhou para fora, grandes gotas batiam contra a janela acompanhadas de relâmpagos que iluminavam o céu negro. Lon saiu e seguiu os repórteres.

“Como isso foi acontecer, ela já era minha”.

Lon a enxergou alguns metros adiante, enquanto os seguranças tentavam afastar os repórteres, ele ficou preso.

“Não, não, não, não saia”.

Ele a via indo para a porta e quando ela saiu e entrou no carro, ele foi tomado por uma raiva e a amaldiçoou.

Engel olhava o prédio enquanto se afastavam perdida nos olhos e o sorriso cínico de Lon e mesmo que parecesse mentira, ela sorriu.

- Engel o que foi, você está meio distante.

Engel o olhou e Rutta percebeu que tinha algo errado.

- Você está bem, aconteceu algo?

- Aconteceu muita coisa.

Rutta ficou surpreso, era a primeira vez que ela admitia algo assim.

- Rutta o que acha de modelos masculinos.

- Bem, antes só eram usadas mulheres, por que a pergunta, você achou alguém?

Engel voltou a olhar pela janela vendo as gotas de chuva batendo nela. Rutta a olhava pelos cantos dos olhos e girou o volante um pouco pra direita e depois voltou com a posição normal enquanto ele ria ao ouvir o grito de Engel.

- Você deve ter ficado louco.

Rutta dava umas boas gargalhadas e logo Engel começou a rir também.

- Bom, para minha defesa as pessoas mais loucas são os melhores.

Engel o olhou e sorriu.

- Vamos voltar à faculdade, deixei algo inacabado e você não vai se arrepender.

Rutta não pensou ou falou em nada, só fez o que Engel pediu. Enquanto voltavam, à faculdade tudo parecia ter voltado à rotina normal ou quase normal. Havia alguns repórteres que guardavam seus materiais ainda, mas quando Engel saiu do carro e foi em direção ao prédio eles começaram a tirar seus materiais de novo e a seguiram com flashes e outras perguntas. Quando Engel entrou, todos os repórteres entraram junto a pedido dela e dessa vez foi com um sorriso de verdade.

- **Susana.**

Gritou Engel e quando Susana a viu, Susana se levantou num pulo e foi em sua direção.

- Eu preciso de sua ajuda.

E com essa pequena frase, a vida de Lon, pode se dizer que ficou um inferno. Nesse exato momento Lon estava fazendo sua próxima obra prima, ele molhou o pincel em tinta e quando queria aplicar a tinta no quadro, a porta se abriu num estouro assustando e deixando um longo risco vermelho no rosto da moça que pintava.

- Lon você está aí.

Engel entrou, seguida por repórteres e se posicionou ao lado dele e sorriu.

- Senhores e Senhoras eu quero apresentar o meu próximo modelo e amante Lon.

Engel o beijou enquanto eram tiradas fotos e realizadas perguntas que, claro, nunca eram respondidas e Lon, podia-se dizer, não estava no planeta terra.

Algumas horas depois Engel estava na sua casa deitada na cama repassando o dia na cabeça pela milésima vez e sorriu, foi um dia muito interessante depois de muito tempo.

- Posso saber como eu parei na sua casa.

Ela olhou para Lon que estava sentado no chão com um bloco de desenho na mão.

- Bem são só 16h30min e achei uma boa você saber como vai ser sua vida daqui para frente.

Ele não entendeu nada, mas não se importou e continuou a desenhar o rosto de Engel sem falar ou reclamar ou quase sem reclamar, ele não conseguia acreditar que Engel o beijou.

- Como você conseguiu me beijar?

Engel pensou na pergunta dele, mas não conseguia achar uma resposta lógica, então mostrou um sorriso malicioso.

- Por que não beijaria, por acaso você quer mais um?

Lon ficou vermelho até as orelhas e só olhava o desenho, mas só de ver o rosto desenhado de Engel, ele começou a ficar mais perturbado e Engel começou a rir pela reação dele.

- Vendo você assim, nem parece o louco que conheci mais cedo, que sussurrou em meu ouvido e me envolveu em seus braços e beijou minha mãos.

Lon abaixou a cabeça ficando vermelho até o pescoço, enquanto Engel ria beijando o pescoço dele.

A relação de Lon e Engel versão melosa durou alguns dias e, quando começaram a desenhar, as brigas começaram.

- Mas que merda, Lon fica de costas e olha pra mim.

- Aí, cala a boca Engel, você que não sabe desenhar.

E o bate boca continuava até que Rutta entrou com dois copos de café e uma garrafa de whisky embaixo do braço.

- Pelo visto os jogos começaram.

- Cala a boca Rutta.

Falaram em coro e voltaram com a discussão enquanto Rutta desfrutava de um bom café pensou:

“Mesmo que eu odeie admitir, os dois formam um bom casal”.

E quando viu os dois estavam cheios de tinta e com dois copos cheios de whisky.

- O que você acha de nós criarmos asas e voarmos para puta que pariu?

E depois disso... Ninguém sabe, os dois ficaram loucos.



MARCÃO, O PENOSO

Marcio A. Coelho Jr

Marcão era um menino negro, que não teve chance na vida, de oportunidades levadas pelo vento e promessas quebradas pela vida. Moleque levado! Adorava a praia e o mar, mas tudo que fazia, fazia errado. Não ia para a escola, não sabia ler nem escrever, era triste de se ver.

Azar? Isso para ele era rotina, a sorte para ele não existia, ou simplesmente não aparecia. Seu dia a dia, era sem graça, como um dia sem ventos, ou uma floresta sem pássaros. Era uma calmaria. Maldita calmaria.

Morava em uma comunidade de pescadores, a natureza era um de seus maiores amores. Dentre todos os sabores, o salgado do mar.

Dentre todas as belezas, o horizonte infinito que sonhava em desvendar.

Marcão realmente queria ser um navegador, desbravar os sete mares e todo seu esplendor. Em sua pouca idade, era um garoto inconsequente e, do dia para a noite, resolveu navegar até outro continente.

Decidido do que queria, pegou o barco do seu pai, e em algumas horas já estava em alto mar. Um barco muito velho, pelo tempo castigado, com um furo no meio do casco que estava prestes a afundá-lo.

Marcão desesperado tentou tampar o furo com o dedo, mas de nada adiantou, quando viu, a água já estava no joelho, e no mar, ele se afogou.

Seu sonho finalmente se realizou.

Pela primeira vez na sua vida a sorte a ele se apresentou,

De onda em onda, do outro lado do mundo seu corpo chegou.



ENGANO FATAL

Gabrielly Andrade Duarte

Aquele dia estava cinza e frio, mas Junior já se sentia assim há dias, desde que sua única filha, Antônia havia sido levada. Os dias pareciam não passar, a dor só aumentava, o coração apertado e nada de notícias da menina.

O pedido de resgate chegou quando as esperanças já haviam acabado. Dez mil reais, valor que a sequestradora pedia pelo resgate da menina.

Junior era um homem simples que trabalhava asfaltando estradas. Um homem sofrido, com aparência sempre cansada, pele já enrugada, cabelo grisalho e, geralmente, vestido a trapos. Por conta disso, teve que fazer todos os empréstimos possíveis para conseguir o dinheiro.

O que Junior não conseguia entender era o porquê ele, um homem sem posses, estava passando por tudo aquilo, a explicação era simples, um dos homens mais ricos da cidade chamava-se Junior e coincidentemente tinha uma filha chamada Antônia, e por falta de informação a Antônia errada havia sido sequestrada.

Após depositar o dinheiro Junior deveria encontrar a sequestradora no aeroporto, para então poder resgatar a filha. Ele aguardou por muito tempo a suposta sequestradora, na porta da sala de embarque.

Na segunda chamada para um certo voo, a mulher apareceu e lhe repassou as coordenadas do cativo. Junior mal pode vê-la por conta dos óculos escuros, lenço e grossas roupas. Um policial desconfiado observou toda a movimentação que havia acontecido anteriormente no aeroporto, e resolveu seguir o simples homem.

Junior partiu correndo em direção a um casebre muito próximo ao aeroporto, e o policial discretamente o seguiu, ao chegarem no local Junior encontra Antônia sobre a cama, aparentemente dormindo, porém ao checar a pulsação, seu coração se parte, Antônia estava morta.

Aquele sofrimento todo era demais para ele, vendo uma arma ao lado da cama atira em si mesmo, o policial sem pensar muito chamou o socorro, mas era tarde, uma família toda havia sido destruída naquele momento. Inconformado, o policial só pensava em encontrar a mulher e impedir que aquela triste ocasião se repetisse.

Ele acionou toda segurança do aeroporto, em busca da suposta mulher. Descreveu as características que ela apresentava... Não seria difícil encontrá-la, logo ela foi vista no aeroporto internacional de Miami. A segurança do aeroporto a aborda e dá voz de prisão imediatamente.

Seria uma pena dura e muito longa, afinal se tratava de um sequestro acompanhado de homicídio.



COZINHEIRA DE MÃO CHEIA

Maria Luísa Gobbi Longhi

Eugênio era um velho, daqueles bem rabugentos, a pele era como um pêssego enrugado que caiu do pé, sempre de botinas marrom, jeans e camisa xadrez e, claro, um chapéu para disfarçar a calvície que há muito tempo tinha chegado. Ele vivia em uma fazenda bem pequena, cheia de bichos. Seu passatempo preferido era ficar a tarde toda na varanda do casarão colonial sentado em sua cadeira de balanço construída de vime com uma espingarda na mão e atirar em todos os patinhos, que nadavam alegremente no açude que ficava a 10 metros da casa.

Dona Elvira, sua mulher, casada há 30 anos depois que os pais escolheram o marido, estava farta dessa situação, onde já se viu uma cozinheira de mão cheia fazer só pato na laranja? Já havia tentado de tudo, pastel de pato, pato a passarinho, torta de pato, pato assado, pato moído, pato cozido na panela de pressão, mas de uma coisa estava certa: ela se sentia definitivamente farta. Ela queria ter seu restaurante, servir lasanha de legumes, risoto de camarão e macarrão ao molho pesto.

Naquele dia, então, foi seu basta final: pediu o divórcio, sem pensar duas vezes. Eugênio ficou devastado, apesar da falta de diálogo, ele acreditava amar a mulher. Ele gritava, chorava, suplicava e nada de Elvira mudar de ideia. Então foi dar uma volta pela propriedade para esquecer o fracasso que era sua vida amorosa, ainda na esperança de dona Elvira reconsiderar o pedido.

O pato que ouvira todo o drama, logo entrou em cena, pois saiba, caro leitor, patos nessa fazenda falam sim, mas apenas em situações necessárias, pois não querem expor demais sua identidade. Com suas plumas amarelas e fofinhas, secou as lágrimas de dona Elvira que insistiam em cair, oferecendo sua ajuda. Ela não aguentava mais a situação, aceitou a ajuda do pato e foi esperar no quarto, como, calmamente, o pato pediu.

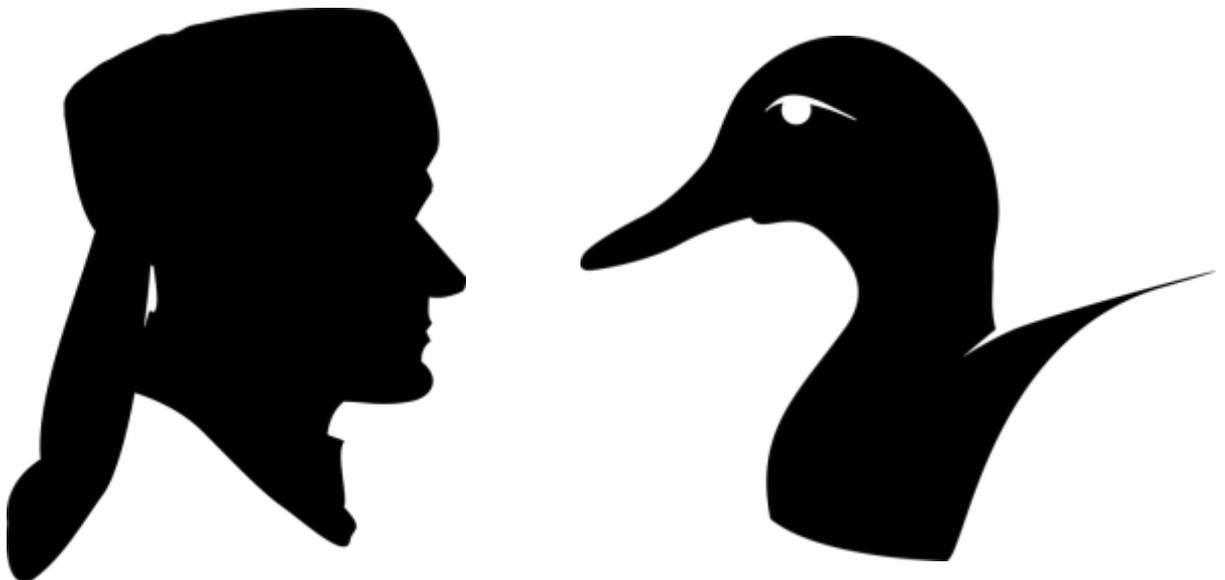
Quando Eugênio voltou para casa, estava tudo silencioso, mas não aquele silêncio gostoso, de calmaria num dia de chuva quando se escolhe um livro para ler, era um silêncio que rugia, rugia tanto que foi o barulho mais ensurdecedor que Eugênio já ouviu. Ele estranhou muito, devido à cena anterior esperava mais drama, lágrimas e gritos, sua esposa costumava ser bem espalhafatosa.

Pum! Num golpe certeiro o pato pula de cima da geladeira, dá uma tijolada na cabeça do velho ranzinza que cai mortinho no chão.

Mais tarde, dona Elvira vai para a cozinha, preparar a janta com a nova caça, ela convida o pato, a pata e todos os seus patinhos e todos comem muito bem. Ela queria saber que carne era aquela, mas o pato jurou segredo e jamais contou, pois falava que dava azar para a cozinheira saber da primeira carne diferente que se preparava. Elvira nunca tinha escutado esse ditado, mas não contestou, já que o pato tinha sido tão bom para ela e resolvido todos os seus problemas.

Eugênio nunca mais voltou, Elvira vendeu a fazenda, mudou-se para a cidade grande e abriu seu restaurante, que o pato, a pata e sua grande família iam toda primeira sexta-feira do mês para saborear as novas delícias.

Quanto a Eugênio, nunca mais se ouviu falar, a velha senhora até estranhava, mas ninguém realmente sentiu a falta daquele homem.



FÉRIAS DOS SONHOS

Gabriel Guedes Brito



Em uma calma rua com muitas árvores e crianças em meio a caótica cidade de Nova York, a primavera começava a mostrar suas cores. Na esquina, em uma casa centenária, morava um homem de meia idade, um professor de História solitário e com os cabelos já demonstrando a sua idade. Era John, um sujeito atencioso e que adorava animais. Seu cão, Apollo, estava sempre ao seu lado. Quando ia à escola, Apollo o acompanhava.

Nos finais de semana, John e Apollo podiam ser vistos no parque do bairro, ele descansando sobre a sombra de uma árvore, lendo um livro e Apollo correndo atrás de algum esquilo ou brincando com as crianças ou com os outros cachorros. Eles sempre estavam por lá, apesar de ser longe de sua casa, o parque era de uma beleza incrível. As árvores eram frondosas e, na primavera, estavam vestidas de verde, exibindo suas novas folhas. Os canteiros estavam esplêndidos, totalmente floridos e o lago, repleto de patinhos e gansos. Apollo adorava correr atrás deles.

Naquele dia, John foi ao Aeroporto da cidade para comprar as passagens para a sua viagem de férias no Caribe. John estava animado, pois ainda não conhecia esse lugar. Além do mais, seu amigo Apollo iria junto. Assim, John precisava comprar também a passagem do seu cão e providenciar a documentação para a viagem.

Quando John chegou ao aeroporto, foi informado no balcão de atendimento da companhia aérea que Apollo precisava mais do que uma passagem. Era necessário caixa apropriada para o transporte, exames médicos, vacinas e a implantação de um chip sob a pele do cão, com os dados de identificação e do seu proprietário.

Isso tudo era muito caro. John não contava com isso. A viagem ao Caribe era um antigo sonho e ele havia economizado muito para conseguir fazê-la. Foram muitos anos de economias e agora ele precisaria arrumar mais dinheiro, se quisesse levar seu amigo também. John nem mesmo cogitava a ideia de não levar Apollo. Era como um filho, e não se deixa um filho em casa, nas férias.

John desistiu de viajar naquelas férias. Mas, pensou John, terei outras férias!

As aulas recomeçaram e John voltou a sua rotina de todos os dias, com Apollo sempre ao seu lado. As areias brancas e águas azuis e cristalinas não saíam de sua mente. Ir para o Caribe não era mais um sonho, era uma meta.

Foi aí que John teve uma ideia que mudaria em muito a sua vida. Ele arranjaría outro emprego. Estava decidido, iria até a cidade e iria procurar um trabalho de meio expediente, no período em que não dava aulas de História.

No dia seguinte, vestiu seu melhor terno e deixou Apollo preso em casa. Apollo não gostou nada disso, pois sempre ficava solto no quintal, brincando com os passarinhos ou dormindo na sua casinha. John pegou o metrô e chegou ao centro da enorme cidade. Caminhando pela rua, viu um cartaz que dizia: “Precisa-se de vendedor”. John percebeu que era uma loja de venda de carros usados. Pensou que nunca havia vendido nada, tendo sido professor pela vida inteira, ou desde que conseguia se lembrar. Mesmo assim, decidiu entrar e pedir o emprego.

O dono da loja era um italiano muito gordo que usava calças com suspensórios e sapatos muito brilhantes. Tinha uma cara grande e um bigodinho bem fininho. John achou engraçado, mas ficou muito sério e respeitoso, afinal precisava do emprego.

O lojista chamava-se Dino (para John lembrava dinossauro) e era uma pessoa muito alegre. John explicou a Dino sua situação e disse que gostaria muito de aprender a vender carros, mas que não tinha experiência. Dino era uma cara muito legal e foi muito simpático. Disse a John que ele poderia trabalhar todas as tardes, das 14h às 20h. John pensou que seria muito corrido, Apollo ficaria muito tempo sozinho. Mas não tinha outro jeito, era preciso. Então aceitou e perguntou se podia começar no dia seguinte. Ficou tudo acertado e John voltou para casa muito feliz.

Já em casa, encontrou Apollo muito quieto. Ele estava infeliz porque tinha ficado boa parte do dia sozinho e trancado em casa. Mas Apollo havia achado o que fazer. As almofadas do sofá estavam rasgadas e o enchimento espalhado pela casa inteira. No banheiro, o papel higiênico estava todo desenrolado e espalhado por tudo. Na cozinha, o lixo estava derramado, deixando tudo muito sujo. John quase desmaiou. Brigou com Apollo e o trancou do lado de fora, no quintal. Apollo ficou muito envergonhado, sem coragem para reclamar, afinal já estava escuro. John demorou, mas conseguiu arrumar tudo. Olhou pela janela e viu Apollo sentado muito quieto, com as orelhas baixas, perto da porta da cozinha. Ficou com pena do seu amigo e abriu a porta. Apollo olhou, como que pedindo desculpas e entrou de cabeça baixa e o rabo entre as pernas. John não aguentou e abraçou o amigo.

Os dias foram passando e a nova rotina de John tirava quase todo o seu tempo. De manhã, dava aulas no colégio e a tarde trabalha na loja do Dino. Para sua surpresa, ele se deu muito bem com vendas. Parecia que havia feito isso a vida inteira. Gostava de conversar com os clientes e os clientes gostavam muito dele. Com isso fez muitas vendas de carros, deixando o seu patrão muito feliz e satisfeito. Só havia um problema: Apollo. Ele não gostava de ficar sozinho, sentia falta do seu amigo e quando John voltava para casa, à noite, encontrava o amigo triste. Com o inverno chegando, John tinha que deixar Apollo preso na casinha no canil do quintal, pois não podia deixá-lo solto na chuva. Apollo odiava ficar preso.

Numa noite chuvosa e fria, John chegou do trabalho e não ouviu os latidos de Apollo. Olhou pela janela e não o viu. Foi até o canil e Apollo estava deitado muito quieto. John viu que ele estava com febre e o levou ao veterinário. Apollo estava doente e necessitava ficar no hospital veterinário para tomar medicamentos. John ficou muito



triste por ter que deixar seu amigo sozinho. No dia seguinte, John não foi ao colégio, ligou avisando que não poderia ir trabalhar. Foi até o hospital e encontrou seu amigo melhor. Já podia ir para casa.

Os meses passaram e as férias chegaram novamente. John e Apollo tinham conseguido passar por

tudo. John havia conseguido ganhar dinheiro com as vendas de carros na loja do Dino, suficiente para ficar um bom tempo no Caribe.

E assim foi. John arrumou toda a papelada e vacinas para Apollo poder viajar. Ele estava muito feliz. No dia da viagem, Apollo só não gostou muito da caixa de transporte, mas não tinha outro jeito.

Quando chegaram a Porto Rico e John conseguiu soltar Apollo da caixa de transporte, Apollo esticou as pernas e abanou o rabo. Estava feliz e John também estava.

John e Apollo ficaram numa linda pousada na praia. Apollo nem podia acreditar. Corria todos os dias pela praia, nadava na água azul e corria atrás das gaivotas. John descansava na sombra e caminhava no final da tarde. Uma ótima vida. John até cogitou morar por ali...

E sabe que o destino deu uma mãozinha? Numa conversa informal, aquelas de praia, John conheceu um diretor de escola da região. Conversa vai, conversa vem, o diretor da escola fundamental da cidadezinha ofereceu o lugar de professor de História na escola. John pensou que era muita sorte poder trabalhar e morar naquele paraíso. Apollo gostou mais ainda da ideia.

As férias foram boas... Mas o melhor foi permanecer em férias...

UM OLHAR NO VAZIO

Katia Cristina Schuhmann Zilio

A barba era branca, muito branca. Quase tão branca como a neve que às vezes caía no inverno... Sim, no inverno nevava neste lugar perdido. A barba era branca e os olhos azuis reluziam perto daquela massa de pelos brancos. Os olhos não poderiam traduzir o que o olhar queria sempre dizer, era um olhar denso e profundo como se tentasse adivinhar os desejos de cada um.

O corpo era tão magro que se podiam ver as nuances dos ossos por entre a camiseta velha. Era magro, era também muito alto, mas tinha mãos delicadas e ágeis, eram extremamente úteis para as restaurações que fazia na loja. Restaurava De tudo. Acreditava que as restaurações eram seu ofício santo, pois ao deixar uma peça antiga restaurada, pensava restituir-lhe a alma.

Mas agora era primavera e Celito andava triste, a loja de antiguidades e o sebo onde trabalhava andavam às moscas. Ninguém entrava ali fazia dias, e os meses de inverno não ajudaram muito.

Celito já temia o pior: Rosalina fecharia a loja e ele ficaria sem onde ir. Celito, além de trabalhar ali, morava em um quartinho que Rosalina tinha no final do corredor. Ele trabalhava e morava no mesmo lugar. Não tinha família, os pais faleceram, não havia parente próximo. Não casara, não tivera filhos e já não era jovem. O que ele não sabia era que o fim estava próximo e não era o fim da loja... Era o fim das atividades ilícitas de Rosalina, nome de fachada de Ivana Gusmão, famosa agente da militância inglesa. As peças antigas eram a vida de Celito e eram, também, disfarce perfeito da Ivana, vulgo Rosalina.

Celito gostava de pensar que todas as peças antigas da loja faziam parte da sua história. Geralmente inventava uma história para cada objeto: o lampião fora usado por Maria Bonita quando vagava pelo sertão. A cômoda amarela com a gaveta torta era uma relíquia de Monet que a pintara olhando o sol que ardia forte no verão da França. O abajur rosa iluminara o nascimento da princesa Diana, na Inglaterra.

É claro que ninguém acreditava nas histórias de Celito, mas todos os vizinhos se divertiam com sua criatividade. Apesar de acharem muito estranho uma loja sempre e cada dia mais vazia, suportar o aluguel alto e a aparente falta de clientes intrigava todos. Vez por outra, entrava um sujeito que levava uma peça para o restauro e conversava horas com Rosalina. Outra vez alguém comprava uma peça e também conversava por um bom tempo com Rosalina.

Quando Celito contava suas histórias a um cliente, deixava-se levar pelo espanto e, no final da história, confessava o embuste. Isso, às vezes dificultava a venda. Mas nunca fora motivo para não acontecer um papo longo com Rosalina.

Naquele dia de primavera, o dia estava cinza, assim como a alma do Celito, batera uma tristeza e a desconfiança sobre a incerteza da loja o deixava ainda mais triste. Rosalina chegara cedo e logo iniciou o ritual de limpeza, Celito a acompanhava calado, como se soubesse que estava prestes a ser despejado. Não tinha coragem de perguntar e parecia que ela não tinha coragem de dizer. Seguiam assim, ambos limpando e em silêncio que era quebrado pelos suspiros de cada um em tempos alternados.

Mas algo quebraria esse ritual... Perto da onze horas o pacote chegou. Rosalina e Celito estavam lá atrás, limpando as peças mais antigas. A loja tinha um sino na porta que, quando alguém entrava, badalava um som que convidava a pensar em uma igreja.

O sino soara indicando a entrada de alguém. Celito imediatamente pensou que talvez havia uma chance de as coisas tomarem outro rumo... Rosalina nem esperou por Celito, foi rapidamente à porta da frente e olhou pelo balcão. Não havia ninguém, somente uma caixa grande e verde. Ambos se olharam e procuraram por alguém, Celito foi até à rua, abriu a porta ouviu-se o sino novamente e do lado de fora, nem uma alma, parecia o cenário de filme de faroeste.

Abrir a caixa? Olharam se havia identificação... Nenhuma, o pacote verde envolvia toda a caixa retangular que adormecia no balcão. O que fazer? Rosalina e Celito entreolharam-se: e agora?

-Acho que você devia abrir.

-Abrir? Mas eu nem sei a quem pertence isso...

-Foi entregue aqui, deve ser sua.

-Você também mora aqui, pode ser sua também.

A caixa no meio dos dois parecia conversar com eles e o assunto era ela mesma... Intrigante e curioso...

Decidiram abrir juntos e, a cada fita adesiva rompida, mais interessados ficavam no objeto que rompera o mal estar da penúria e da falência; dos mistérios e das longas conversas com estranhos sujeitos. As fitas adesivas foram rompidas todas e era só mover o papel, os dois sentiam-se crianças prolongando o suspense de um presente de natal recebido.

Papel verde removido, o olhar acompanhou a caixa. Era uma caixa comum de papelão que aparentemente não tinha nada de incomum. Ambos interromperam o ritual de abertura daquilo que havia se tornado mais do que uma caixa, pois já trazia sentido de esperança, novidade trazida não se sabe por quem, mas que avivara a alma desses dois desafortunados.

Combinaram de abrir as abas da caixa juntos: um dois três e...

Ouviu-se o sino da porta. Ela entrava, era bonita, mas não exageradamente, vestia um vestido florido como um canteiro de flor no auge da primavera, era ruiva e os cabelos lhe caíam nos olhos. Celito ficou hipnotizado e Rosalina apenas sorriu.

-Cristália, você aqui?

- Vejo que já está abrindo a caixa, espere um pouco minha irmã de coração. Tomemos um café, coloquemos nossa vida em dia que todos os nossos problemas são pouco diante da grandeza de nossas almas.

Rosalina não entendera muito bem o que ela quisera dizer, mas Cristália era assim mesmo, ativa e irreverente, uma ativista dos direitos humanos e uma eterna lutadora pelo bem de todos. Havia adoecido há alguns anos, ficara muito abalada com a morte de uma filha, internara-se numa casa de repouso e, desde então, nunca mais Rosalina soubera dela.

Rosalina reparou que Celito estava embevecido pela presença dessa mulher estranha e misteriosa para ele:

-Celito, esta é Cristália, minha meia irmã.

Ele não respondia, hipnotizado pelos olhos cor de mel da visitante, a caixa já não importava, nem a loja, só aqueles olhos que o fitavam de um jeito único.

-Celito, acorde, homem, cumprimente Cristália.

-Ah, sim, muito prazer.

Foi tudo que ele conseguiu dizer, mas sabia que teria muito a pensar quando fechasse os olhos à noite.

Rosalina e Cristália se abraçaram e com lágrimas nos olhos foram para o interior da loja para um café. Celito ficara sozinho e olhou a caixa mais uma vez, sorriu e pensou que talvez alguma coisa pudesse mudar a partir de hoje. Tomou a caixa nas mãos e abriu a primeira aba. Não teve tempo de abrir a segunda... Tudo voou pelos ares, a explosão sacudiu todo o bairro...

Realmente alguma coisa mudaria de hoje em diante.

O ARREPENDIMENTO

Katrine Ribeiro

Ardia em chamas a velha casa de madeira e junto à cruel ardência das chamas, o terrível choro do desespero de Joana corria pelas paredes da casa que incendiava. Mas qual o motivo de tamanha crueldade?

Tudo começou com um lindo romance na juventude que acabou tardiamente em tragédia. Joana, menina muito rica, apaixonou-se por Cláudio e foram, juntos, viver uma vida simples e humilde. Tiveram um filho, Carlos, e, até aquele momento, viviam felizes.

Porém com o passar do tempo os sentimentos foram mudando, a paixão de Cláudio diminuindo e medo de Joana perante as atitudes de seu marido tomaram conta da sua vida. E foi aí que toda a tragédia desenrolou-se. Cláudio descobriu que Joana tinha heranças a receber e que ele só poderia usufruir desse bem se ela falecesse. Articulou então um plano junto ao seu filho para que saíssem da vida precária que levavam.



Colocaram fogo na casa que moravam, e Joana estava na casa que já foi cenário de muitas cenas felizes, mas, naquele momento, o que predominava era o medo. Do lado de fora o arrependimento de seu filho Carlos começou a fazer efeito. Correu para dentro da casa para salvar sua mãe, mas não teve sucesso, pois Joana já não estava mais viva. Cláudio logo entra para salvar seu filho na casa ardendo em chamas, chegando lá nota que ele também não tinha vida, então, o destino entra em cena e tudo resolve: morrem juntos todos da família.



UMA NOITE MARCANTE

Gabrielly Andrade Duarte

Para Natália era comum sair todas às sextas e aos sábados, mas aquela sexta não seria comum...

Como fazia toda semana, 19 horas em ponto começou a se preparar. Em duas horas estava pronta esperando as amigas na recepção do condomínio. Natália era muito rica, filha de um grande empresário internacional, ela esbanjava beleza e riqueza, gostava de mostrar para as pessoas que tinha tudo o que queria, viajava pelo mundo inteiro e frequentava as melhores baladas de São Paulo.

A festa a que iria naquele dia era muito esperada, bebida e comida à vontade, mal sabia ela que a festa se tratava de uma organização mafiosa para roubar as pessoas que lá estivessem.

Lá estariam apenas pessoas de classe alta, vestidas com as melhores roupas, usando suas mais caras joias, utilizando o melhor celular, e com muito dinheiro em suas bolsas.

Natália, como sempre, chamou muita atenção, os organizadores daquele terrível evento logo notaram sua presença e o quanto podiam lucrar com aquela simples garota.

Foi o que fizeram: levaram-na até uma sala despiram-na e roubaram tudo o que tinha.

Além disso, houve estupro e agressão. Natália, não lembra tudo que aconteceu... Desmaiou... Mas foi o suficiente para que, depois daquilo, o trauma nunca mais se curasse. Natália passou a ter uma vida totalmente diferente, não saía, não viajava e não esbanjava mais o que tinha.



A GRANDE ARTE

Guilherme Cezar Zanella

Na quietude do lar, frente à máquina de escrever há muito gasta, está uma figura ao menos peculiar, até um pouco excêntrica. Em formas gerais, pode-se assim descrevê-la: olhos vidrados coloridos como o mar do caribe, cabelos ralos que oscilam entre o branco e o castanho, curva ventral que impede uma maior proximidade com o equipamento de guerrilha, mãos trêmulas esculpidas pelo tempo e vestes de razoável aspecto, considerando-se o tempo que são usadas; uma calça marrom, blusa bege subjazendo um colete azul marinho de fina lã e sapatos negros que outrora já foram ricos e lustrosos.

Os dedos estão calculadamente posicionados sobre as teclas, a folha, branca como a lua, está colocada de maneira inexprimivelmente correta, em uma posição que faria o mais crítico dos críticos cair aos prantos gritando em perfeição divina em obra humana; sua postura é confortável e galharda em todos pontos, intersecção entre estética e anatomia. Se sentisse sede, lá havia um copo d'água, caso o sono o atasse, uma xícara de café o salvaria e, se as forças desse pesaroso inimigo ainda pesassem por sobre si, havia quantidades razoáveis de cocaína em sua gaveta inferior direita, ao lado dos cliques para papel.

Tudo estava pronto, a jornada que se desenvolve a escrita poderia enfim ser trilhada sem nenhum empecilho... Entretanto havia ainda algo faltava. O que seria? Levantara-se, precisava cessar aquela desagradável angústia para que ela não turbilhonasse seu texto. Como faria? Não sabia ao certo e tinha vontade de fumar, pensara que talvez algumas tragadas lhe dessem os pensamentos necessários a essa empreitada.

Em sua cabeceira havia uma caixa de Marlboro, com filtros e restavam, com sorte, uns três ou quatro cigarros. Como de costume, em quase todos os minúsculos, quartos destinados à intelectuais, o pequeno espaço comporta uma cama cuja existência depende não de sua capacidade de proporcionar um bom descanso ao usuário, mas do quanto é provável que alguém tropece sobre ela e estatele-se no chão com força maior que a do amor de Romeu e Julieta.

Triste dia era esse até o momento, pois restavam somente dois cigarrinhos, como conviver com isso? Fazia-se necessário sair para o campo de batalha, vencer as tropas inimigas e garantir mais munição para a batalha contra a angústia.

Já era tarde, mas a rua nunca representou grande perigo para si, arriscaria uma caminhada pela gélida cidade, aproveitaria o céu outrora açoitado pelas estrelas e hoje rico em neblina e luz melancólicas. Seu passeio seria um pouco longo, pois estava interessado em rever Jéssica, expoente do velho estereótipo de jovem rebelde de metrópole que trabalha em lojas de conveniências, todavia muito interessante. Melhor guria para um papo cabeça.

Faltavam menos de dois quarteirões para chegar ao destino, Jéssica e Marlboro, quando dois homens de motocicleta se aproximaram, parando exatamente a sua frente, sem nada dizer. Ficaram lá por um tempo, só observando, encarando-o de certa forma. Foi possível pressentir o que viria a ocorrer...

Aberto o sinal verde, dois motociclistas saíram tranquilamente para seu destino, incomodados apenas com a estranheza de um indivíduo que esperara o sinal abrir para veículos para arriscar sua travessia que, acima de tudo, foi feita fora da faixa.

O posto era aberto vinte e quatro horas, “sempre abertos quando não estamos fechados”, esse era o lema, horrível, medonho, infeliz (e mais todos os adjetivos negativos que se possam aplicar com certa cordialidade), todavia fazia-o rir, mas tão somente por um motivo que só ele sabia. Nem mesmo um narrador externo onisciente seria capaz de o saber, imagina-se a estranheza de tal.

O setor de conveniências era bem iluminado, em demasia até. É claro, isso se você for o tipo de cara que vive em um porão ou apartamento minúsculo impenetrável à luz e possua profundo desgosto por placas de neon e refrigeradores que tentam passar uma ideia incompreensível, através de suas intensas luzes brancas.

Ignorando-se esse pequeno detalhe, o local até era um pouquinho agradável. Era inclusive completo para suprir todas as necessidades humanas, vendia comida, cerveja, papel higiênico, preservativos, medicamentos e psicotrópicos (esses eram vendidos na parte de fora, é claro, mas quem vendia era o filho do dono do local, o que, de certa forma, implica como parte integrante do negócio).

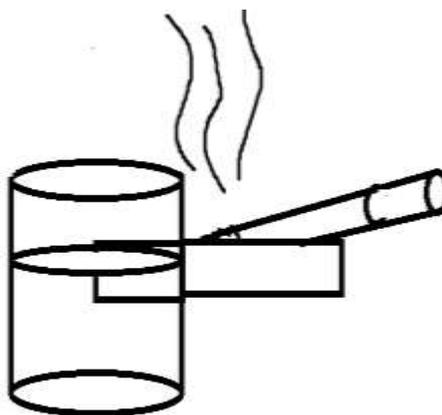
Jéssica não era nem bela nem feia, nem esperta nem burra, ela era tão somente Jéssica e nada mais. Esse véu de incompreensibilidade lhe dava um ar encantador.

- Opa!
- Boa noite. Como posso ajudá-lo?
- O de sempre.
- Vai ter que falar com Pablo.
- Isso não! Falo do Marlboro.
- Vai custar sete e noventa e oito.
- Está meio caro.
- Se o senhor acha...
- Tchau!
- (...)

Sem dúvidas essa fora uma das conversas mais estimulantes que tivera com Jéssica, parece que a pedra que ocupa espaço em seu mediastino médio amolecera-se em função de sua sensualidade exacerbada. Deixando-se de lado estas questões eróticas e demasiado voluptuosas, o caminho de volta fora tranquilo, nada de extraordinário aconteceu.

Estava agora novamente em sua escrivaninha, mãos reposicionadas por sobre as teclas, a folha continuara inalterada... Assim como sua angústia. Fizera todo aquele percurso para nada. Todavia estava cansado de se desviar de suas responsabilidades, iria agora escrever como jamais escrevera, usaria seu sangue para formar as mais belas linhas já feitas em toda a humanidade, destilaria suas angústias, tornaria a escrita seu mecanismo de purificação.

Tudo organizado, estava o serviço pronto para começar. Pronto para começar... Pronto para começar?! Talvez, entretanto gostaria de beber um pouco antes de escrever, dar mais animação e vivacidade ao texto. Sua memória lhe dizia que ainda havia um resto de Jack Daniels em sua geladeira...



SEU TONINHO

Gabriel Sonda Krebs

Um senhor chamado Toninho, já com muita sabedoria, vivia preso em um hospício, diziam que ele era louco, pois contava histórias terríveis e difíceis de acreditar. Eram histórias de suas experiências de quando morava em um monastério.

Nas conversas com os outros loucos, contava suas experiências, suas viagens ao redor do mundo sem pegar um avião ou qualquer transporte. Ele dizia que viajava como se não sáísse do lugar.

Os médicos ouviam suas histórias, mas entendiam que não passavam de histórias de louco, mas os outros loucos tentavam imitá-lo e jogavam-se de cima de mesas para tentar voar. Subiam cada vez mais alto, usavam camas, cadeiras, mesas e tentavam voar. Mas um dia, o sonho de voar foi muito alto, um dos loucos atirou-se do terraço. Foi grave!

Então os médicos intervieram. Prenderam Toninho em um quarto e verificaram que a medicação dele não estava sendo administrada.

Sem os remédios, seu Toninho conseguia meditar e viajava... Pela última vez, novamente pelo mundo ele voou, então descobriu que só a sua mente podia voar. Logo os remédios fizeram efeito e as viagens tiveram fim.



O HOMEM PECULIAR

Katrine Ribeiro

Romeu era um homem peculiar desde criança, praticava coisas que não eram comuns.

E em sua vida adulta, não foi nada muito diferente. Casou perdidamente apaixonado por Maria, porém o pior aconteceu.

Maria acabou morrendo e Romeu não se conformava com a falta que sua esposa estava fazendo.

Queria ficar sempre ao lado dela.

Romeu então tem uma idéia diferente. Resolve passar um tempo no jazigo em que sua mulher estava enterrada.



Instalou-se da maneira que se sentia melhor e fez sua rotina.

Quando as pessoas viram o que estava acontecendo, os comentários começaram. Fala daqui, fala dali...

E o homem não deu ouvidos para o que as pessoas falavam, pois ele sentia-se bem e confortável com o que estava fazendo.

No cemitério, lugar dos mortos, há agora um vivo que se dedica ao amor eterno..

O QUE FAZER POR AMOR?

Rafaela Luize Rech

Otávio era filho de Marta, ele brincava muito com seus amigos, era muito inteligente, amigo de muitas pessoas da escola. Marta e o pai de Otávio tinham se separado há pouco tempo, por causa de uma mulher que chegou na vida deles... E,, infelizmente o casamento acabou.

Um dia Otávio não estava passando muito bem na aula de Educação Física. Sua mãe o levou ao médico. No hospital, fizeram vários exames: Otávio estava com câncer.

Até Marta, conseguir acreditar que seu filho poderia morrer, pois seu câncer era de risco, sofreu muito, pois não tinha o auxílio do ex-marido.

Marta engoliu o orgulho e, por Otávio, pediu ajuda financeira ao ex-marido. Ele, como era um homem muito “bem de vida”, poderia ajudar a salvar a vida do filho. O tratamento era longo e caro...

A família parecia que se unia à causa da cura de Otávio...



A nova mulher do pai de Otávio ajudou muito e, todo dia, visitava o menino para mostrar que ela não era uma pessoa má, e sim muito atenciosa com todos, Marta gostava que ela os visitasse, pois eles se divertiam muito.

O tempo passou: um ano do tratamento. Otávio foi para casa e os últimos exames foram realizados: após toda essa luta, ele estava curado, principalmente pelo amor de todos.

CONTROLE É... ILUSÃO

Marcio A. Coelho Jr

Dia 1

6:45 Meu despertador toca, essa noite tive um pesadelo. Levanto, tomo banho, escovo os dentes e saio para pegar o ônibus. Dentro do ônibus, vejo pessoas desanimadas e com sono.

7:20 Já estou no centro da cidade, sol quente, belo dia de verão. Me sento em um banco e observo, pessoas passam por mim com pressa, parece que sempre estamos atrasados, talvez seja porque nascemos com prazo de validade.

7:30 Está na hora. Hoje vou dar uma palestra sobre vida para alguns estudantes. “Ninguém vive de verdade, a vida é uma mera coincidência do acaso, dias e dias passam, dias e dias vão passar e quando nos dermos conta, já será tarde para continuar, então qual o motivo de nossa existência? ”.

Dia 2

Hoje lhe contarei uma parte do meu passado. Minha vida sempre foi estável, nada de ruim, família quase perfeita. Eu só nunca me senti confortável, sempre parecia que faltava algo e ainda parece. Fui um garoto extrovertido e sempre tentei ser simpático. Eu não mexia com ninguém e ninguém mexia comigo.

Quando eu era mais novo sempre sonhei em ser várias coisas, aos oito anos eu queria ser bombeiro; aos dez, policial; aos quinze, médico e aos dezoito, feliz. No fim não me tornei nada disso. Namorei uma garota dos quatorze aos dezessete anos, a separação foi muito tranquila. Nem chorei, só fiquei tremendo.

Meus pais morreram quando eu tinha vinte anos, eu sou filho único, então fiquei com a herança. Com o dinheiro e as empresas que herdei não preciso trabalhar. Dou palestras voluntárias, todas as segundas e vou de ônibus para colaborar com o meio-ambiente.

Depois da morte dos meus pais, me afastei da família, nunca fui próximo de ninguém mesmo. Mudei de cidade e tentei iniciar uma nova vida, o problema é que não dá para iniciar uma nova vida se você não mudar a si mesmo antes. É como mudar de escola porque sofre *bullying*: se você não mudar seus atos, o *bullying* vai continuar, só vão mudar as pessoas que o praticam. Resumindo: minha vida continuou a mesma coisa.

Conheci novas pessoas nessa cidade, novas histórias. E assim foi passando alguns anos. Até eu terminar a faculdade de filosofia, nunca quis dar aulas, só iniciei a faculdade porque queria pensar um pouco fora do pensamento comum. Também queria usar algumas reflexões para tentar me conhecer, poucas e nobres são as pessoas que realmente se conhecem. Você se conhece?

Se eu lhe desse uma escolha, uma única escolha, sem mais nem menos. Entre a paz mundial ou sua paz de espírito. O que você escolheria? Se você escolher paz mundial, você nunca poderá ser feliz; se escolher ser feliz, o mundo nunca terá paz. Se ao menos você duvidar da sua resposta, você não se conhece de verdade. Admito que é uma dura escolha a se fazer, mas talvez você nunca vai precisar fazê-la.

Nessa nova cidade, visitei diversos lugares, me aproximei de algumas pessoas, alguns relacionamentos sem sentimentos e alguns amores não correspondidos. Ou seja, uma vida normal. E assim se foram mais oito anos.

Dia 3

Falei bastante do passado ontem e, ao mesmo tempo, não falei nada. Esse é um dos meus defeitos, não consigo realmente me abrir para alguém. Sou melhor ouvinte.

5:30 Levanto e vou correr, faz bem para a mente.

6:30 Volto para casa, tomo banho e percebo que hoje é quarta-feira, costumo tomar café em uma padaria aqui perto toda quarta. Na padaria, todos já me conhecem e eu já conheço todo mundo. Manuel o padeiro, que também é o dono; Sofia a atendente, ela é a nova funcionária e Miguel o caixa, filho do Manuel, ele é quieto. Frequento essa padaria há mais ou menos uns cinco anos e ela não muda nada, o mesmo ambiente e as mesmas pessoas frequentando, inclusive eu.

Sempre que chego, a dona Maria está saindo com os seus pãezinhos, ela já tem certa idade e seu filho mora com ela depois que seu marido foi assassinado.

Às 6:58, o Jorge chega na padaria, parece até que ele fica esperando dar esse horário para entrar, sempre 6:58. Ele é mais velho do que eu e costuma ir ao parque, à tarde, para brincar com o seu filho.

Sofia, a atendente, é linda e quer se tornar advogada, acabou de sair da escola e não está se esforçando para manter esse sonho.

Sei de tudo isso não por ser fofoqueiro, mas sim por ser um bom ouvinte e um ótimo observador.

Após o café eu sempre vou até a casa do Afonso, ele tem 79 anos e mora sozinho, assim como eu. Conheci-o na fila do supermercado, pessoas de idade costumam puxar assunto com o intuito de fazer novas amizades para tentar suprir, muitas vezes, a solidão que sentem. Eu e o Afonso conversamos sempre por horas, ele me conta coisas da sua juventude e da falta que ele sente de algumas pessoas que se foram. Afonso é como um pai para mim, até sinto que ele é bem mais próximo do que meu pai um dia foi.

Como de costume as horas passaram e eu nem percebi, já está quase na hora do almoço, muitas vezes eu mesmo faço o almoço aqui na casa do Afonso. Mas hoje, decido leva-lo a um restaurante aqui perto. Volto em casa, pego meu carro e passo na casa dele. A caminho do restaurante, consigo ver o seu semblante de felicidade. Realmente é bom ter alguém que se importe com a gente. Essa é uma das minhas rotinas. Ouvi, uma vez, alguém falar que a rotina é o que nos mantém a salvo da loucura, será mesmo? Bom, na dúvida eu tento manter a minha.

19:20 Marquei um encontro hoje com uns amigos que fiz na faculdade, em um bar no centro da cidade, falando nisso já está na hora de começar a me arrumar.

Dia 4

Ontem a noite foi longa, depois do bar fomos para vários outros lugares beber, só lembro que, de uma hora para outra, estávamos falando sobre Sócrates para algumas mulheres. Sim, sim o que você esperava? Somos filósofos.

Vamos voltar a falar sobre o bairro onde eu vivo. Aqui todos se conhecem, uma vizinhança calma e pacífica, composta basicamente por pessoas mais idosas. Porém toda essa tranquilidade acaba quando chega o mês de outubro. Ao longo dos últimos seis anos, oito pessoas foram assassinadas neste mês. No princípio, parecia mais um crime comum, só no terceiro ano após a morte do Agenor, marido da Maria (a mesma senhora que vejo saindo da padaria, hoje) a polícia começou a tratar os assassinatos como assassinatos em série.

Todos os oito assassinatos foram a facadas, dezenas de facadas. A polícia interrogou todos num raio de 2 quilômetros, ninguém viu nada e ninguém ouviu nada. No mês de outubro, quando os assassinatos acontecem, a polícia reforça a segurança do bairro e muito moradores viajam para a casa de seus parentes com medo. Mas, infelizmente, pessoas continuam morrendo. Pessoas com idades e sexo diferente, em ruas diferentes e, aparentemente, sem ligação nenhuma. Quase sem padrões exceto o mês, o nosso bairro e as facadas. Mas isso não é preocupação para agora, ainda faltam dois meses para chegar outubro.

Semanas se passam e marco um encontro com uma mulher que conheci em um APP. Pelas mensagens trocadas, ela pode ser a mulher ideal para mim, os gostos musicais e literários são parecidos, e parece apresentar uma visão de mundo igual à minha. Hoje, à noite, vou encontra-la.

Ela escolheu, para o encontro, um restaurante de comida mexicana, quem sabe não foi para apimentar um possível relacionamento. O dia passa, a noite chega. Visto uma bela roupa, uso um bom perfume, quero que tudo corra bem. Tranco a casa, ao sair pelo portão vejo uma silhueta no canto do muro que, em milésimo de segundo, desaparece. Deve ter sido imaginação, penso comigo.

No caminho, paro para abastecer o carro, frentista gentilmente me pede a chave, fico pensando, será que esse é o sonho dele? Ficar abastecendo carros para sempre, sem tentar evoluir. Pensando bem, quem sou eu para dizer o que ele sonha. Mas uma coisa é certa, nós humanos nos acomodamos muito fácil com as coisas. Ele me entrega a chave, pago, agradeço e sigo meu caminho.

Chego no restaurante dez minutos antes do combinado, peço uma mesa e a espero, a propósito, seu nome é Gabriela. Cinco minutos se passam e ela chega, linda. Aceno para ela que vem em minha direção, o tempo passa devagar, tudo em câmera lenta. Em minha cabeça tocava Sweet Dreams.

Ela está com um vestido longo, preto, cabelos amarrados e um belo batom roxo. Tão linda quanto uma modelo, levanto e dou um beijo em seu rosto, puxo a cadeira, como um cavalheiro, e ela se senta. Ela era mais do que eu esperava, a noite foi linda e indescritível, e terminou com um beijo, doce e lento. Nada mais do que isso. Mulher como ela tem que ser conquistada e, talvez, eu estivesse disposto a conquistá-la.

Em casa, durmo igual a uma criança que adormece feliz após ganhar um presente. Infelizmente para mim, em duas semanas a Gabriela vai para um intercâmbio no Canadá e voltará em seis meses. Como não temos nenhum compromisso, dou o maior apoio, ela merece tudo que a vida possa oferecer. Até mesmo outra pessoa que não fosse eu. Deixo claro isso, para ela aproveitar tudo.

As semanas se passam e Gabriela vai para o Canadá. Meus amigos de faculdade começam a marcar alguns encontros regulares, ontem foi aqui em casa.

11:37 Passo no mercado e compro algumas coisas que estavam faltando, na volta chamo o Afonso para almoçar na minha casa, ele aceita. Em casa, guardo as coisas e começo a preparar o almoço, tudo com pouco sal, já que o Afonso tem pressão alta.

12:20 ele chega.

Brinco com ele:

-Tá atrasado,, hein?

-Minhas pernas não colaboram.

-Acho que vou comprar uma bicicleta para o senhor.

-Mal consigo andar, quem dera pedalar.

-Tô brincando seu Afonso, senta aí a comida está quase pronta.

Depois do almoço coloquei um filme do Mazaropi de que sei que ele gosta. Depois do filme, conversamos por mais um tempo, e ele comenta que está com um pouco de medo porque outubro está chegando. Como ele mora sozinho e tem mais idade, é perigoso para ele, como eu disse algumas pessoas viajam, mas Afonso não tem mais família. Ele é como eu.

Foi aí que tive a ideia de convidá-lo para morar aqui comigo, tenho quartos e conforto sobrando. No começo ele rejeita, mas eu o convenço a ficar pelo menos até o final de outubro.

Daqui três dias começa o mês de pânico para o meu bairro, quem não viaja, não sai na rua, à noite, por nada.

Faltando dois dias vou à casa do Afonso buscar coisas dele, acho que essa ida do Afonso lá pra casa vai ser melhor para mim do que para ele. Minha casa é grande e solitária.

Primeiro de outubro chega. A noite vejo uma viatura da polícia a cada cinco minutos, toda a vizinhança já colocou câmeras em casa, esse ano vai difícil para o serial killer. Afonso se sente bem confortável lá em casa, e não era para ser diferente.

6 de outubro

Dia normal, vizinhança mais quieta, ao longo desses anos que os assassinatos vêm acontecendo, muita gente se mudou. Só não me mudei porque realmente gosto daqui. À noite, depois da janta, o Afonso vai se deitar e eu fico vendo TV. Um pouco mais tarde quando vou dormir, ouço um barulho e olho pela janela, quando vejo aquela mesma silhueta, que eu tinha visto no dia do encontro com Gabriela. Do lado de fora do meu portão, supostamente de frente, mas como já era de se esperar ela novamente some em um piscar de olhos.

Meu coração dispara, escuto a sirene de uma das viaturas que está patrulhando, saio para fora e dou um grito, eles então vêm na minha direção, eu conto o que vi e os policiais passam um rádio para as outras viaturas e falam que vão procurar o suspeito. Caso aconteça mais alguma, coisa é para ligar imediatamente. Mas, por enquanto, o melhor que posso fazer é ir dormir.

7 de outubro

Resolvi não falar nada para o Afonso, ele veio pra cá querendo segurança, não ia deixá-lo com medo. Pra tentar esquecer o que aconteceu, chamo os colegas da faculdade, eles têm medo de vir aqui nesse mês, assim como o resto da cidade. Falo que se eles viessem na parte da tarde poderiam dormir aqui em casa, assim como Afonso, eles rejeitaram a ideia no começo, mas depois dois deles aceitaram.

18:47 Eles chegam, no mesmo carro.

Três filósofos compartilhando a mesma casa, isso vai ser divertido. Cumprimento o Leonardo e o Moisés. Leonardo já tem uma caixa de cerveja nas mãos, Moises fecha o portão e entra em casa logo em seguida, a passos rápidos.

Os dois conheceram Afonso agora e já gostam dele tanto quanto eu. Papo vai, papo vem, as horas passam, e perto das 21h pegamos um baralho e convidamos o Afonso para jogar truco com a gente, bebemos e jogamos o restante da noite. Há tempos eu não me divertia assim.

Na manhã seguinte, Moisés e Leonardo vão embora, e tudo segue normal.

22 de outubro, sábado.

6:37 Acordo e vou correr, a polícia aconselhou o bairro todo a não sair antes das 6h da manhã. Às 7h, ainda suado, passo na padaria, cumprimento todos, e peço um café. Logo escuto o padeiro dizendo que à noite estava ouvindo barulhos estranhos no quintal, Sofia comenta que alguns dias atrás viu alguém vigiando a sua casa. A coisa realmente está séria. Compro pão, leite, alguns cereais e me despeço.

Saindo da padaria, vejo Jorge chegando, eram 7:13. Isso é incomum para ele.

Já em casa, Afonso está acordado, fazendo café. O dia segue, como todo sábado chato e nublado.

À noite, Afonso prepara a janta, lá fora começa a trovoar. Jantamos e conversamos, como sempre e, antes das 22h, já estávamos indo dormir. Deitado na cama, penso sobre a vida e minhas escolhas me trouxeram até aqui, pergunto-me: será que foi o destino? Ou será que realmente podemos escolher nossos próprios caminhos. Eu ainda não tenho essa resposta, essa não.

Pego no sono com o barulho da chuva e durmo.

3:20 É madrugada, acordo suando...

Começo a escutar barulhos, talvez fosse o vento. Levanto da cama e acendo as luzes, não há nada. Coloco um chinelo, em frente à minha cama há um espelho bem grande, olho e vejo meus olhos ainda inchados por causa do sono, vou até a cozinha, pego leite na geladeira, quando me preparo para colocar no copo, escuto um grito vindo do quarto do Afonso. Coração a mil, pego uma faca e caminho lentamente na direção do quarto, acendo as luzes do corredor e vejo a porta dele só encostada.

-Afonso, Afonso, me responde

Sem resposta alguma eu falo:

-Vou entrar!

Coloco a mão na maçaneta, e me pergunto se vale a pena entrar, estou com medo. Empurro a porta, o quarto está totalmente escuro, levo minhas mãos pela parede tentando encontrar o interruptor, quando um relâmpago ilumina o quarto e consigo encontrá-lo, por alguns instantes hesito em acender as luzes. Respiro fundo e clico. Quando a claridade toma conta do quarto, a cena que vi foi lamentável, Afonso caído no chão, e sangue para todo lado.

Soltei a faca que estava em minhas mãos e me ajoelhei perto da sua cabeça.

-Afonso, Afonso, por favor, não faz isso comigo, respira por favor.

Lágrimas caem do meu rosto sobre o rosto dele, já era tarde. Olho para o corredor e as luzes começam a falhar, barulhos de pratos quebrando vem da cozinha, tenho que ligar para a polícia ou sair para a rua, meu celular está no meu quarto, e para sair pelo portão da frente eu teria que passar pela cozinha. Levanto e saio correndo na direção do meu quarto, vejo, talvez, por simples reflexo aquela silhueta vindo atrás de mim, entro e tranco a porta. Começo a revirar as coisas em busca do meu celular, escuto passos chegando, cada vez mais perto, viro tudo o mais rápido possível, passos cada vez mais fortes e mais perto. Encontro meu celular.

Com as mãos trêmulas e quase sem voz ligo para a polícia com dificuldade:

-Por favor me ajudem, tem uma pessoa morta aqui em casa!

-Acalme-se, senhor, me diga onde você mora.

Ainda com muita dificuldade consigo passar o endereço, ela muito calma responde:

-Viaturas já estão a caminho.

O celular cai da minha mão e, no mesmo instante, o barulho dos passos cessa. As luzes do quarto começam a piscar, alguém está esmurrando a minha porta.

-Senhor! Você está aí? Senhor, responda!

Em estado de choque, eu não consigo responder, murros e mais murros na porta, um barulho insuportável que invadia minha mente e esmagava meu cérebro. Levanto com pernas trêmulas, um raio cai, seguido de um imenso barulho e depois um silêncio profundo.

Estou de pé, na frente do espelho, a luz volta e vejo refletido no espelho o assassino, mal pude acreditar, com a faca em mãos e a roupa suja de sangue, com olhar frio e um sorriso estampado na cara. Eu o reconheci. Não pude acreditar no que estava vendo, não podia ser verdade. O assassino era... Eu.

De frente para o espelho me vi com a faca melada de sangue nas mãos, a lembrança dos oito assassinatos vem como flashes na minha cabeça. Parece que eu realmente não me conhecia, era essa a parte que eu sentia que faltava.

Sentado na cama, ouço as sirenes, e luzes de lanternas iluminam meu corpo.

-Largue a faca e deite no chão, ou seremos obrigados a atirar. Por favor, largue a faca e deite no chão

Eu permaneço parado, encarando o espelho.

-Largue a faca e deite no chão, é o último aviso.

Olho fixamente para os policiais, sem dizer uma palavra, ou demonstrar qualquer sentimento de medo.

Escuto então o primeiro tiro, que atravessa o meu ombro, seguido por mais 3 rajadas que atravessaram meu peito e rasgaram meu coração. O tempo para, e um relâmpago rasga o céu iluminando meu rosto já sem aquele olhar orgulhoso, o barulho da chuva cessa e escuto apenas zumbidos.

6:25 O despertador toca...

Essa noite eu tive um pesadelo.

E você, conhece a si mesmo?

E AÍ, “VAMO FECHÁ”?

Frederico Faedo Fontana

O dia parecia normal, aula na sexta-feira última aula do dia, estava eu e meu amigo eufóricos conversando muito, a professora não parava de chamar a nossa atenção, mas nos não conseguíamos parar de conversar falando como seria o fim de semana. A professora,, muito irritada gritou “CHEGAAAAA”.

Todos ficaram assustados a sala ficou em silêncio, mas não por muito tempo logo eu e meu amigo já estávamos conversando sobre coisas aleatórias, no cochicho e a professora foi se incomodando, cada vez mais ficando estressada até que ela parou a aula e virou devesgar para mim eu meu amigo:

-Agora “lasco”!- Falei para meu amigo

Abaixamos a cabeça, esperando o sermão, mas ouvimos uma voz calma e macia:

-Lerguino e Jacinto, os dois peguem as mochilas e esperem na frente da porta, já que não participam da aula, esperem o final dela.

Ficamos com muita vergonha, mas fizemos o que ela pediu, fomos devagar, quando chegamos fomos para a porta, ficamos de cabeça baixa esperando a aula acabar, depois de um tempo Jacinto cochichou.

-Vamos fugir?

-Claro que não! -disse eu.



Mas ele não deu ouvidos, abriu a porta e saiu correndo.

Ninguém estava entendendo nada eu fiquei parado até que a professora saiu correndo atrás, eu fui atrás dela para ver o que iria acontecer. Parecia desenho animado do Tom e Jerry.

Nosso Jacinto passou pela sala da coordenadora, a coordenadora viu o menino correndo e foi ver o que estava acontecendo, viu a professora correndo atrás gritando “JACINTO, JACINTOOO”.

Até que Jacinto, no último portão, deu de cara com a diretora que o cercou e perguntou o que estava acontecendo, até que ela ouviu “segura ele” chegou a professora e a coordenadora.

Ele foi levado para a diretoria.

Manhã calma, anunciando o fim de semana que seria movimentado, não é?

RODA-VIVA

Gabriel Martins



Perambulava pelas ruas de São Paulo uma imagem bastante comum, um sambista bêbado, meio aloprado, de sorriso brilhante e áureo, cujo nome era ... bem, como era mesmo? Ah sim! Era o Romário das Cruzes, o melhor no cavaquinho da cidade, e o mais metido a ladino também, sempre aquele jeitinho que todos conheciam, mas não deixava de ser honesto quando podia, ou devia.

Já que em 1968 não era dos melhores momentos para viver uma vida bandida ou desraigada neste país. Havia policiais em todos os lados, em cada esquina e, no virar da calçada, podia-se acabar com um cano de 22 mm no nariz ou com umas sete costelas quebradas por um cassetete. É ... não era fácil nesse tempo.

Contudo, estava lá o nosso anti-herói, sem muita preocupação, seguindo o seu destino que nem um possuído, para onde Deus ou o Diabo mandasse. Nesse clima de despreocupação, ele vê um grupo de três homens conversando no Largo do Paissandu, em frente a igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos.

Possuíam instrumentos musicais em punho e pareciam prontos para uma roda de samba. Estavam na parte de trás da igreja, numa praça coberta de calçada e árvores.



Perto dali, mais próximo de Romário do que deles, havia uma mulher na flor da idade, aparentando ter uns 30 anos ou mais, que estava sentada num banco com um buquê de rosas na mão, provavelmente esperando alguém.

Naquele dia, estava ocorrendo missa em homenagem ao Sr. Viveira das Cruzes, tio desse bêbado, havia, na igreja, dez pessoas, sendo oito amigos dele e dois familiares. Isso porque o homem era muito odiado por quase todos devido a algumas histórias envolvendo estupro e violência contra a própria filha, que, inclusive, nem dava as caras no evento, e muito menos o moço desta história.

Romário ao avistar as duas cenas ficou dividido entre qual dos dois iria prosear: com a jovem da roseira ou com a roda de samba. Era uma divisão de pensamento e de espírito entre homem e músico, pois, convenhamos, os dois nunca hão de ser iguais.

A hombridade, porém, prevaleceu e sentando ao lado da moça do jeito mais safado de todos, desatou a matracar.

A conversa tomou vários rumos, começando por cumprimentos, meio formais e tentativas de cantadas mal faladas. Mas, como moça inteligente que era, não se deixou iludir no bate-papo do das Cruzes e, em vez disso, retaliou-as utilizando xingamentos críticos à pessoa do sujeito, embora tais nomes não afetassem o cidadão por conviver em um lugar tão coercitivo como São Paulo. Tendo passado um bom tempo naquele diálogo ao ar livre, coseguiu informações interessantes quanto ao perfil da mulher.



Aparentemente, o nome dela era Rosaline, nascida nas periferias desta cidade, porém em família de classe média alta, sendo filha de um militar chamado Aureliano Buendia, por vezes chamado de coronel, por outras de major, não lembro ao certo, mas sem dúvidas ocupava uma posição respeitável nas forças armadas. Estava na missa, a propósito.

Ela tinha acabado o ensino médio fazia pouco tempo, contudo muitos professores do ensino superior estavam faltando por causa de “doenças”, e parecia ser uma epidemia que não acabaria tão cedo. Quanto à roseira que carregava na mão, eram as flores cultivadas por seu tio, “a mais linda roseira que há”, como dizia, e repetia baixinho esta frase com um brilho nos olhos castanhos e um suspiro vindo de uns lábios tão carnudos que assombravam o ar de dentro e os transformava em poesia.

E acenando para a mulher, se pôs a caminhar em direção aos três cariocas dos instrumentos, ainda com aquele ar de ébrio, pois álcool algum deixa de fazer efeito depois de pouco tempo.



Ao vê-los, notou que um pedacinho de povo estava a rodear a roda de samba, que tocavam músicas de amor neste momento, alegrando a multidão com uma euforia contagiante como se atraísse cada vez mais pessoas para ali, e não bastasse o público transformando-se em massa crescente, as melodias iam ficando mais e mais belas, de tal proporção que competiam com as da igreja próxima, o que não deve ter alegrado certas pessoas.

Mas o pessoal estava contente e a sorrir assim como o Romário, que a cada batida de pandeiro vinha perdendo a embriaguez, até que ao longe avistou-se um grupo de indivíduos carregando placas, bandeiras e descontentamento; cada vez mais se aproximando e se aglomerando junto a massa crescente. O problema havia começado a se formar.

A cantoria virou logo protesto, as músicas perderam o sentido de felicidade para adquirir um teor crítico, os sorrisos viraram gritos de relativo desgosto pessoal, e o protagonista nem sabia no que se meteu. Da entrada da igreja surgia uma figura inteiramente fardada como outras próximas, vinha armado de uma pistola e uma faca militar.

Com algumas medalhas a tapar o peitoral e uns óculos escuros para cobrir-lhe a vista, bem como um quepe para acobertar a cabeça, era velho e meio robusto, e com um esquadrão policial atrás dele parecia um arauto da justiça, ou da opressão. Pôs-se de frente aos protestantes e proferiu um discurso de ódio.

As palavras do servo do Estado eram de sentido amedrontador, sem sequer deixar que o público retrucasse de volta, exercendo uma tempestade lexical, cujas gotas perfuravam até o homem mais férreo.

Não demorou a ter alguém tentando fazer uma ponte entre o temível fardado e a multidão protestante, discursando suas causas, reclamações e justificativas. Naquele clima de tensão, as palavras tinham de ser bem escolhidas, ou haveria consequências.

E o Romário? Morria de medo, escondido em meio àquelas pessoas, pasmo, como a maioria deveria estar: todos quietos aos relampejos do militar e com uma coragem expressiva vinda dos bravos que o desafiavam. O problema foi quando algum fulano xingou o cara, de tudo quanto era possível xingar, e ainda jogou umas bombinhas nos tiras.

Foi a gota d'água. Veio para trás e ordenou o massacre: uma ordem para preparar, e as pessoas começaram a ficar parvas de medo; apontar, e as vozes baixinhas já iam expressando profundos gritos; e colocando o braço de frente e as mãos no olhos, FOGO!



E daquela ordem a multidão logo se espalhou, uma chuva de balas acobertara a rua de corpos e daqueles que conseguiam fugir eram recebidos com mais tiros, o rosto dos homens e mulheres retratava pânico, choro e medo; alguns nem levavam tiros, eram pisoteados e tiveram os ossos quebrados por cassetetes.



Os únicos sobreviventes foram seis rendidos, entre eles estava Romário, que logo após tomaram uma surra e tiveram suas cabeças encapuzadas por sacos pretos e conduzidos até viaturas policiais cuja saída foi rápida o suficiente para não deixar



suspeitas. O rosto da santa de cima da igreja havia deixado uma lágrima escorrer.

Sem saber para onde iria, colocou-se a rezar baixinho por misericórdia e a chorar por piedade de Nossa Senhora naquele momento, mas à medida que a viagem ao inferno decorria, só sentia dor e desespero. Pensava onde iriam levá-lo. Será que iriam matá-lo? Como tiveram a audácia de atirar machucar tantos inocentes? Quem era aquele homem? Um oficial ou um demônio?

Será que Rosaline presenciou este ato de puro ódio e opressão? De nada se sabe, porém, é certo que pessoas sofreram hoje, sem poderem se defender e, ainda pior, por defenderem uma causa justa.

E o que aconteceu logo em seguida? É melhor deixar para lá. Afinal, todas as histórias têm um final feliz, não é?

COTIDIANO PERVERSO

Igor Stedile Roberge

Adewale acorda mais uma vez em sua cama, contorcendo-se de dor. A cama, na verdade, não passa de nada além de chão em um pequeno quarto. Não era um quarto, era uma cela com chão e contorno rochoso, com grades viradas ao corredor de uma mina. Essa mina ficava em frente a uma casa enorme, onde apenas os donos e os colegas considerados “domésticos” podiam entrar. Ele vê outros companheiros levantando-se aos gritos de um homem que abre a porta de seus quartos, pois se esse homem não abrisse, não haveria modo de eles saírem.

Adewale recebeu ordens de que deveria ir ao campo fazer a colheita a tarde toda em um calor infernal, o que o separava de uma parcela de seus colegas, todos negros, que foram ordenados a trabalhar na mina. Foi um dia quente e exaustivo.

Os brancos contaram a quantia coletada pelos trabalhadores negros e, infelizmente, naquele dia, um deles não conseguiu cumprir a quota mínima necessária e havia de ser punido.

Os coletores e os mineradores tiveram de presenciar o ato em que o companheiro, considerado irmão pelos seus semelhantes, recebera chibatadas que arrancavam o couro de sua pele e deixavam uma enorme marca vermelha nas suas costas, de novo e de novo.

À noite ele teve insônia, não conseguia dormir, pois lembrava dos gritos aterrorizantes do seu colega e, sabendo que era apenas necessário o senhor sentir raiva, que ele teria o direito de espancar qualquer um de seus companheiros como se não fossem outros humanos.



E este não foi um dos dias trágicos de sua vida, este foi apenas mais um dia, talvez até mais calmo que os outros.

Adewale não conhecia liberdade, Adewale era um homem, Adewale era um escravo.

AMOR E SACRIFÍCIO

Rafaela Luize Rech

Joaquim e Clara tinham uma filha chamada Maria, ela já com 17 anos estava quase saindo de casa. Clara era uma mulher muito chique, ia sempre às reuniões das suas empresas, participava nas reuniões de condomínio, anda de salto, vestido e bolsa combinando com a roupa. Joaquim era um advogado que trabalhava na empresa de Clara, essa empresa foi herdada pelo seu pai que quando se formou começou a criar um negócio para exercer a sua profissão. Maria, por ser a filha mais velha, gostava de mostrar a riqueza, começou a sair escondido e não dava satisfação para ninguém, ela demorava dependendo do dia.



Sua filha estava em uma festa, estava se divertindo quando viu sua mãe com diferentes amigos, por ver a mãe ali, sem seu pai descobriu o porquê ela sempre saía

e não contava para o marido. Os olhares de mãe e filha se encontraram, ambas ficaram imóveis, até que Maria saiu correndo...

O movimento de carros era intenso... Foi inevitável! Infelizmente Maria foi atropelada. O motorista tinha bebido muito, também estava nessa festa e saiu um pouco mais cedo do que a Maria.

Ela foi levada ao hospital imediatamente. Dois dias em observação no hospital. Maria sabia que o que doía mais não eram os ferimentos do acidente. Não podia olhar para sua mãe que estava perto dela e que a atendia em tudo. A mãe estava com muito medo que seu marido descobrisse que ela também estava no bar.

Já em casa, foi o olhar dele que a levou a confessar que estava saindo com um advogado da sua empresa. Foi um choque!

Mais ainda foi admitir que a culpa do acidente da filha havia sido dela. Joaquim falou que precisava pensar no que ia fazer depois dessa notícia. Maria não a condenou, Joaquim também não... E a vida iria seguir, assim como tantas outras.

Aquela casa não era mais a mesma, havia brigas e desconfiança. Maria cansou de tanta briga e resolveu sair de casa, seguir sua vida, já estava independente e podia mandar em si mesma.

Só que a vida era difícil... Sem ajuda financeira, festas e bebedeiras faziam parte de um mundo que ela conhecia pouco...

Vender o corpo? Eis aí uma opção. Independência e prazer... Quem sabe o que é certo? Quem vive e sobrevive nesse mundo de bocas e prazeres; de traição e desamor.

PARA ONDE FORAM?

Pedro Pellizzaro Camargo

Quando novo, tinha um amigo com sonho de ir para o espaço, mas isso muito difícil ainda, mas para um menino que morava no interior, pobre, sem estudo mas com uma determinação muito grande.

Toda noite, o menino olhava para o céu, via estrelas e sonhava em chegar lá algum dia.

O menino tinha uma admiração muito grande pelo seu avô que trabalhava como mecânico em casa arrumando máquinas agrícolas. Mas o avô também sonhava sempre com as estrelas...

Era uma segunda-feira, dia 2 de junho de 2026, o menino recebe uma notícia de sua avó: seu avô tinha um presente para lhe dar.

Eles chegaram à garagem de sua casa e tinha um objeto grande embaixo de um pano branco, seu avô pede que ele entre...

Que coisa estranha seria aquela? Já dentro daquele, daquele, sei lá o que seria aquilo...

Ambos, avô e menino estão prontos: dizem tchau para sua avó, saem pelo teto da casa com um foguete e nunca mais são vistos.

Parece que espaço não foi um limite!

DECEPÇÕES AMOROSAS

;

Greice Kelen Rodrigues de Liz

Joana acabara de casar com Emilio, grávida de seu primeiro filho, não poderia estar mais feliz, seu esposo lhe levava café na cama todas as manhãs, comprava flores todos os dias e a amava demais. Joana estava grávida e era um menino, seu nome fora escolhido por seu pai e seria João Miguel. O enxoval estava todo pronto a espera do menino que nasceria em março.

Um dia, porém, o café não apareceu e as flores chegaram mais tarde, Joana desconfiou de uma possível traição, mas não comentou com ninguém, pois Emilio poderia ter sido somente chamado mais cedo para trabalhar.

Mas aquele dia não seria um dia qualquer, mais tarde, no médico, Joana soube, para sua tristeza, que o bebê teria problemas quando nascesse, segundo doutor Roberto.

A pobre mulher chega em casa arrasada chora e causa a tristeza de Emilio também. Ambos choram. Joana sente fortes dores no abdômen, no hospital se submeteu a um parto prematuro. João veio ao mundo muito pequeno e teve que ser internado na UTI neonatal onde ficou três longos meses recebendo a visita de seus pais e de sua tia Hermínia que lhe levava muitos presentes incluindo bichos de pelúcia, brinquedos roupas e até um cachorro chamado Billu.

João vai para casa em maio, o sol brilhava e as lágrimas saíam do rosto de Joana, ver seu filho bem e saudável era um presente de Deus. A rotina de um bebê em casa era exaustiva.

Joana não tinha mais tempo para o marido, só para o seu filho. Com o tempo, Emilio não parava mais em casa, ia muito cedo para o trabalho e voltava tarde. Beijava João e não olhava para Joana. Pegava suas coisas e deitava no sofá.

Naquele dia, Joana acorda mais cedo, arruma João e o deixa na casa de sua irmã Hermínia, está disposta a seguir Emilio. Na saída do trabalho já compreende a indiferença, pois vê Emilio com outra mulher.

Joana, mulher forte, segura as lágrimas, chama seu advogado e ambos vão ao suposto motel onde flagra Emilio com sua amiga Danielly, o advogado entra com o pedido de divórcio e Joana vai embora com João para casa de sua mãe.

A história é comum e todo dia acontece, pois nem sempre podemos ter um final feliz!

NAS ALTURAS

Guilherme Cezar Zanella

Já se passaram oito dias desde a última vez que sobrevoei a terra, hoje estou planando por sobre as águas, ao sabor dos ventos. Sudeste talvez seja minha direção, já não tenho certeza se posso confiar em minha bússola, pois temo que ela siga o rumo de todo o resto de minha vida... Brincadeira, eu derrubei-a ainda antes de partir e, ao contrário de minhas lágrimas, ela caiu seca no chão e a vista de todos, inclusive dela.

Vários eram os olhos que acompanhavam minha partida, momento sublime em que o homem sobe alto para receber o afago das nuvens e, no meu caso, distancia-se da solidão em que se encontra em meio à multidão. Para o público, a reminiscência deste espetáculo logo passaria, todavia, para ela, e somente ela, fora como o Sol que mergulha no mar para que a Lua brilhe, num balé cósmico que embevece o mais duro dos corações atentos.

Meu balão era a Lua que deixava o espetáculo para que o Sol, atriz rainha, pudesse brilhar como nunca brilhara antes em certa presença, para que pudesse encontrar um satélite que lhe dê o que sempre merecera e que a Lua, em sua mísera condição, nunca foi capaz de suprir. Nesse dia o Sol brilhara forte e a Lua, quase esquecera de aparecer, pois temia sua caminhada a nadificação, foi a âmbar que nutriu o mundo.

Olho ora para baixo, ora para o alto, sem encontrar significado algum a não ser eu mesmo em tudo o que observo, pois tudo parece estar imiscuído do mais ermo vazio. As avezinhas, tão belas e singelas, que há três dias por mim passaram, nada mais faziam que vagar por terras distantes, talvez fugindo do frio, talvez buscando parceiros... Quem sabe? Talvez elas mesmas, que primeiro são e depois existem.

Quem me dera ser uma avezinha, pudesse eu vagar, pudesse eu amar... Nada mais fazer, senão ali estar, sem precisar projetar nem significar nada... Quiçá eu não a perdesse, se uma avezinha fosse.

Assim como voam as aves, nadam os peixes, sejam eles grandes ou pequenos, escamosos ou lisos, claros, escuros, verdes, vermelhos, amarelos ou azuis... Sejam como forem, sigam como são, existam porque são...

Queria eu nadar sem medo de me afogar, mas não na água, no turbulento mar de afetos que se delineara há muito no peito dela e que hoje vive o mais árido sertão. Quem sabe círculos viciosos, voltas e revoltas, sem necessidade de explicação, controlassem a fuga do predador que se tornara presa?

Minha paixão foi peixe que nadou em nuvens e ave que lançou voo entre corais, meu espírito, solo fértil semeado de dor e asco. O sol tornara-se rocha fria inalcançável para não iluminar o rosto do mineiro que cavara fundo para galerias infundáveis, sem lograr o ouro almejado e que acabara, por se achar em meio ao sórdido carvão, sem a esperança de encontrar saída, distante de qualquer luz e perante inumeráveis túneis.

Entretanto, malha e lona coloridas, delicado cesto de madeira e resistente cordas alçam ao céu, com auxílio do mais quente vapor que se poderia fazer, este espírito decadente, que já não mais teme a queda, que já não mais teme a vida.

Há tanto tempo imaginava seguir meu caminho, entretanto sofrendo de miopia física e moral jamais fui capaz de compreender a máscara que eu mesmo colocara para esconder o semblante de minha decrépita existência. Escolher não escolher, mascarar a liberdade com o véu do destino, fugindo da angústia sem dela sair, pronto para cair no

desespero ao perceber que o único amparo é aquele que ampara a si mesmo, ou seja, nada além de mim mesmo é capaz de me carregar, nem mesmo um balão... Como agora percebo.

Minhas porções são proporcionais a força de meu espírito e começo a me preocupar com minha chegada em terra, que espero não tarde muito. Como me receberão? Receber-me-ão? Eu chegarei? Nada mais sei, senão que agora eu temo... Temo por não temer.

Doce pétala de rosa que floresce fora da estação para desfalecer-se com a chegada das outras flores, para nada além de si mesma, sem pensar, sem pressentir, para significar no âmago do melancólico que a vê, onde é premissa de morte, motivo de renovação, dor que se extingue ou triste retalho de lona que se solta de um balão.

Seriam os balões magníficos satélites que tentam se lançar ao espaço? Jubartes multicolores que navegam em mares de ar? Dicotomias incessantes de antíteses? Símbolos de paixões que se esvaem? Talvez nenhum desses, talvez todos e muito mais... Entretanto de nada valem essas caducas possibilidades, pois antes de tudo são ilusões, assim como ela fora para mim e eu ainda o sou em uma máscara que se destaca da melancólica face e, aos poucos, cansa-se de simular uma equidade alienada que outrora nutria uma existência inautêntica.

Hoje o Sol se liberta, tornando-se vedete da peça estelar e a Lua já cansada dorme fazendo sombra para os corais.

